



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UNAGEO
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ALANY DA SILVA OLIVEIRA

**A UTILIZAÇÃO DO CINEMA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA
GEOGRAFIA ESCOLAR**

CAJAZEIRAS - PB
2016

ALANY DA SILVA OLIVEIRA

**A UTILIZAÇÃO DO CINEMA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA
GEOGRAFIA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras - PB.

Orientadora: Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.

**CAJAZEIRAS – PB
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras – Paraíba

O482u Oliveira, Alany da Silva
A Utilização do Cinema no Ensino e Aprendizagem da Geografia Escolar / Alany da Silva Oliveira. – Cajazeiras, 2016. 69f.
Bibliografia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.
Monografia (Licenciatura em Geografia) – UFCG.

1. Geografia e Cinema. 2. Geografia – Ensino e Aprendizagem. 3. Cinema – História. 4. Cinema – Ensino de Geografia. 5. Educação e Cinema. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 91:791.5

ALANY DA SILVA OLIVEIRA

**A UTILIZAÇÃO DO CINEMA NO ENSINO E APRENDIZAGEM DA
GEOGRAFIA ESCOLAR**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras - PB.

Aprovado em: 19/04/2016

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves (CFP / UFCG - Orientadora)

Professora Dra. Firmiana Santos Fonseca Siebra (Examinadora externa - URCA)

Professora Me. Maria da Glória Vieira Anselmo (Examinadora interna – CFP-UFCG)

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Maria Edivania, e a minha vó Josefa dos Santos (em memória), por todo o amor incondicional, pela paciência e o cuidado comigo.

AGRADECIMENTOS

Não poderia jamais ter conseguido realizar esse trabalho sozinha, por isso então, externo aqui meus sentimentos de gratidão.

Primeiramente agradeço a Deus por ter me capacitado com muita perseverança, fé, vontade de vencer, e confiança que daria certo, entre outras coisas mais.

Agradeço imensamente a minha orientadora Dra. Cícera Cecília, por ter me acolhido no seu rol de orientandos, e ter me guiado tão bem nesse percurso de desenvolvimento de pesquisa, sempre disposta a me ajudar, com seus conhecimentos e jeito meigo de tratar todos nós, seus alunos.

À minha família, bem como Minha mãe que sempre desenvolveu um papel de mãe e pai na minha casa, meus irmãos Poliana e Alexandro, que sempre pude contar nos momentos difíceis, e a minha sobrinha Ana Lara, que me depositou um amor puro e inocente de uma criança, do qual nos move nos momentos de desilusão.

Aos meus amigos, por terem acreditado em mim, pois sem o apoio de todos não teria conseguido lidar com as situações adversas que surgiram nesse longo percurso acadêmico.

Aos entes queridos que faleceram mas, que antes de partir torceram muito para que eu conseguisse alcançar meus objetivos: meu pai, José Lourenço, minha avó, Josefa dos Santos, e uma amiga muito especial, Fátima da Costa.

Ao meu noivo Rodolfo Soares, pela paciência e apoio incondicional, e por sempre ter me incentivado a continuar quando as coisas pareciam difíceis e achava que não ia conseguir concluir.

A todos os professores do campus, especialmente aos do curso de Geografia, bem como os funcionários, e alunos que no decorrer da caminhada nos tornamos amigos, cada um teve uma contribuição significativa na minha vida acadêmica e profissional.

Obrigada!

RESUMO

Este é um trabalho de conclusão de curso, que traz uma reflexão sobre a utilização do cinema no ensino e aprendizagem da Geografia Escolar, e tem como principal objetivo compreender como o cinema pode contribuir para as aulas de Geografia no ensino básico. Fazendo uma breve discussão sobre a história do cinema, bem como ela conseguiu adentrar ao processo de ensino e aprendizagem, trazendo um enfoque para a disciplina Geográfica, foram analisados alguns conceitos geográficos como: espaço, paisagem, lugar, território e região, a partir do longa-metragem “De volta para o futuro III”, pois o mesmo possui um recorte temporal propício que evidencia as transformações do espaço, e nos mostra as possibilidades para desenvolver aulas relacionando temas da Geografia à representações fílmicas, como também o planejamento de metodologias de ensino e desenvolvimento de avaliações pautadas a partir do cinema. Para a realização deste trabalho e com a finalidade de alcançar o objetivo proposto, foi necessária uma extensa pesquisa bibliográfica para a obtenção de um embasamento teórico efetivo, desde consultas a livros de teóricos clássicos, como também a dissertações, artigos, e outros trabalhos científicos de estudiosos atuais dedicados à Geografia, e outras ciências que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem da mesma. A pesquisa apresenta alguns resultados onde mostra o cinema, quando trabalhado como ferramenta metodológica de acordo com as novas linguagens, um excelente facilitador do processo do ensino e aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia. Conceitos. Espaço. Cinema.

ABSTRACT

This is a course conclusion work, , that brings a reflection on the use of cinema in teaching and learning of School Geography, and aims to main understand how cinema can contribute to the Geography lessons basic education. Making a brief discussion of the history of cinema, and as she managed to enter the process of teaching and learning, bringing a approach for to the Geographic discipline, we analyzed some geographical concepts such as space, landscape, location, territory and region, from feature film "back to the future III," because it has a suitable time frame that reflects the transformations of space, and shows us the possibilities to to show how you can develop lessons relating the themes of geography at filmic representations, as well as the planning of teaching methodologies and development evaluations guided from the cinema. For achievement this work and in order to achieve the proposed objective, was required an Bibliographic search extensive to obtain an effective theoretical basis, starting consultations to books written by theoretical classics, also as dissertations , articles, and other scientific works of more current scholars dedicated to geography, and other sciences that help in the teaching and learning of it. The research presents some results which shows the cinema, when working as a methodological tool in accordance with the new languages, an excellent facilitator of the teaching and learning process.

KEYWORDS: Geography. Concepts. Space. Movie theater.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

TV – Televisão

DVD – Disco Versátil Digital

EUA – Estados Unidos da América

PCN's – Parâmetros Curriculares Nacionais

CD – Compact Disc

CRTE – Coordenao Regional de Tecnologia na Educao

OTAN – Organizao do Tratado do Atlântico Norte

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Lanterna Mágica Aulendorf.....	17
Figura 02 – Cinematógrafo.....	18
Figura 03 – Esquematização das relações do ambiente escolar.....	23
Figura 04 - Capa do longa-metragem “De volta para o futuro III”.....	37
Figura 05 – Organização da cidade em 1885.....	39
Figura 06 – Organização da cidade em 1955.....	40
Figura 07 – Cena do filme “De volta para o futuro III” linha férrea 1885.....	42
Figura 08 – Cena do filme “De volta para o futuro III” linha férrea 1985.....	42
Figura 09 – Cena do Filme “De volta para o futuro III” sobreposição das figuras 05 e 06.....	43

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Classificação brasileira dos recursos audiovisuais.....	52
Quadro 02 – Sugestões de filmes por assunto geográfico.....	55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A ORIGEM DO CINEMA E SUA INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	16
2.1 Cinema: uma leitura histórica.....	16
2.2 Ensino e aprendizagem, alguns questionamentos.....	23
3 APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA: UMA ANÁLISE DOS SEUS CONCEITOS COM BASE NO CINEMA	30
3.1 Cinema e aprendizagem Geográfica.....	30
3.2 As Categorias geográficas analisadas a partir do filme: De volta para o futuro III	34
4 METODOLOGIA E AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR COM BASE NO CINEMA	50
4.1. Pensando a metodologia de ensino com base nos recursos cinematográficos	50
4.2 A avaliação da aprendizagem escolar a partir da utilização do cinema como recurso didático	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERENCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

A utilização do cinema no ensino e aprendizagem da Geografia escolar é uma prática habitualmente usada, mas que ainda precisa ser aprimorada para um bom desempenho nos resultados pretendidos. No que diz respeito às aulas de Geografia acentua-se a deficiência, por se tratar de uma disciplina considerada por suas práticas tradicionais impostas durante muito tempo, como sendo de memorização, e relevantemente com pouca ou nenhuma importância, então o uso do cinema como uma prática pedagógica pode vir a influenciar positivamente na desconstrução desse padrão distorcido criado pela sociedade em relação à disciplina geográfica.

A sociedade vem se transformando, e junto com ela os espaços escolares, a globalização tem feito com que aconteça um aceleração na disseminação de informações, e a tecnologia tem cada vez mais tomado espaço, visto isso a escola tem perdido um pouco desse espaço para equipamentos eletrônicos, e tornando-se cada vez mais difícil conseguir a atenção dos alunos. Hoje contamos com muitos meios de obtenção de informação que auxiliam no processo de construção cognitiva de conteúdos geográficos.

O cinema por sua vez tem acompanhado essa evolução e revolução tecnológica, tanto nas suas produções fílmicas, quanto nos meios de reprodução, facilitando o processo de obtenção de obras, inclusive por conta da “pirataria” as produtoras tem barateado o custo das mídias audiovisuais, tornando-as mais acessível ao público em geral.

Atualmente ainda temos vários empecilhos que permeiam a prática da utilização do filme nas aulas de Geografia, que não estão ligados somente no que dizem respeito por exemplos com a escolha do filme, as interligações com os conteúdos, com a não aceitação de trabalhar a geografia de uma forma mais dinâmica, mas também com a falta de recursos que o professor enfrenta ao decidir trabalhar com o cinema em sala.

Este trabalho então tem a finalidade de contribuir para uma concepção melhorada do cinema nas aulas de Geografia, a partir de um embasamento teórico fundamentado em grandes estudiosos que se dedicaram, e muitos ainda se dedicam à ciência geográfica e ainda mais oportunizando o aprendizado no âmbito escolar. Tendo como objetivo principal compreender como o cinema frente as novas linguagens pode contribuir para o ensino e aprendizagem nas aulas de Geografia, especificadamente no ensino básico

Pensando a escola como um produto cultural advindo da ação do homem sobre o meio natural, é que podemos analisar as constantes transformações que ocorrem neste espaço, o qual denominamos de espaço geográfico, onde nele estão registrados implicações históricas, que por sua vez essas tentam enraizar práticas tradicionais, impedindo o avanço, ou até mesmo o acompanhamento das demandas sociais muitas vezes requeridas pelo desenvolvimento tecnológico global.

Desta forma pensando em melhor desenvolver nosso trabalho e facilitando a compreensão do leitor, o dividimos em quatro capítulos, contando com a Introdução, que é nosso primeiro capítulo, e finalizando com as considerações finais, a fim de obtermos um resultado satisfatório na compreensão do conteúdo pesquisado e exposto aqui, para que possa ser utilizado também de apoio a outros pesquisadores, como também estudantes, professores do ensino básico, porque não dizer, para o público em geral.

O segundo capítulo fala da origem do cinema e sua inserção na educação escolar, nele fizemos uma leitura histórica do cinema, desde o seu surgimento com os espetáculos da lanterna mágica, passando pelo cinematógrafo em 1895 com os irmãos Lumières (chegando ao Brasil um ano após sua exibição na Europa), que foi onde houve o impulso do cinema no mundo inteiro. Apesar de a sua invenção ter acontecido na Europa, logo se expandiu para a América, através dos Estados Unidos. O primeiro momento do cinema foi nomeado pelos historiadores de primeiro cinema, citamos aqui outros momentos importantes do cinema, como o cinema novo, o cinema moderno, o pós moderno, e o cinema contemporâneo. A trajetória do cinema também passa pela fase do preto e branco que acaba em 1950, e do cinema mudo que ganha som em 1928. Apesar de desde seu surgimento ser tratado como um produto lucrativo, o cinema já possuía particularidades educativas, não possuindo obstáculos para sua inserção nas escolas como ferramenta didática e metodológica.

Nesse segundo capítulo também fazemos uma explanação do ensino e aprendizagem através de algumas indagações, onde abordamos várias interpretações sobre o termo “ensinar”, principalmente nas mais utilizadas, que são: transferir, transmitir e repassar, afirmando a ideia de que ensinar é construir conhecimentos, destacando então o papel da escola, e das escolhas metodológicas dos professores, especialmente ao desenvolver as aulas de Geografia, afim de que o ensino e aprendizagem sejam conquistas mútuas, para isso adquirindo pessoalmente a motivação, que estimula o desejo da aprendizagem nos alunos, e o ensino nos professores, reconhecendo sempre a importância da ciência e também disciplina geográfica.

No terceiro capítulo, intitulado de: Aprendizagem geográfica: uma análise dos seus conceitos com base no cinema, fizemos uma ligação do cinema à aprendizagem da Geografia, destacando também o papel da escola para com a sociedade, e a utilidade dos saberes geográficos para a vida cotidiana, inclusive a importância da Geografia renovada, que permite essa interligação entre o espaço escolar e além dele. Um dos meios para essa aproximação da realidade está na escolha dos recursos para desenvolver as aulas de Geografia, de forma atrativa, é então que começa o processo da utilização do cinema atendendo também alguns dos quesitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). O cinema para as aulas de Geografia faz uma aproximação da linguagem científica à artística cultural.

Também abordamos as Categorias geográficas analisadas a partir do filme: De volta para o futuro III, escolhido por apresentar aspectos tanto relacionado ao espaço como as variações temporais capaz de enfocarmos as principais categorias: Espaço, Paisagem, Lugar, Território e Região. A escolha do filme aconteceu a partir de uma minuciosa pesquisa com a finalidade de encontrar em uma só obra fílmica, um roteiro que concedesse ao espectador analisar as cinco categorias geográficas, e ao assistir ao mesmo tempo analisando diversos filmes, encontramos em “De volta para o futuro III”, um recorte temporal propício para expandir nossos estudos sobre as categorias geográficas, propondo ideias e planejamentos de como trabalha-lo em sala de aula, levando em consideração tempo necessário e cenas que melhor exploram os conteúdos propostos.

No quarto capítulo pesquisamos sobre metodologia e avaliação do ensino e aprendizagem da geografia escolar com base no cinema, pensando nas dificuldades que o ensino vem sofrendo, afim de repensarmos o uso do livro didático trabalhado de forma individual, e de forma associada à outros meios, como o cinema, destacando porém a importância do planejamento de aula para se obter resultados satisfatórios relacionados aos objetivos da aula, que parecem ser expostos através da avaliação. Neste ponto ainda trazemos um lista de filmes que podem ser utilizados pelos professores de Geografia, em distintos momentos, com o intuito de orientar em planos de aula. Chamamos atenção também para o cuidado na escolha de metodologias que dão autonomia ao aluno, para que o momento da troca de informações não seja abalado por uma situação em que o professor não tenha se preparado previamente.

Na questão da avaliação da aprendizagem a partir do cinema, fizemos algumas observações a cerca das possibilidades de pensa-la como parte do processo de ensino e aprendizagem, e não como um produto final, seguindo alguns preceitos da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesse ponto pesquisamos meios da avaliação ser

efetivada também por meio da fala dos alunos, a partir de análises visuais, que neste caso, seriam os filmes, tratando uma reflexão crítica, e não somente descritiva.

Pensar o ensino e aprendizagem da Geografia é também pensar em meios de obter êxitos, particularmente aos anseios da educação, formar cidadãos críticos, e para isso é que aos longos anos da jornada da Geografia enquanto disciplina escolar vem se buscando alternativas que acompanhe as diferentes linguagens atualmente utilizadas, visto que o tradicionalismo não supera a crise educacional.

O cinema então traz uma linguagem capaz de tornar acessível a conteúdos que o uso do livro somente não conseguiria, aqui trazemos a utilização do cinema, não que essa prática seja atual, mas com as inovações das linguagens trabalhadas pelo cinema, juntamente com os novos olhares que os professores dão ao ensino da Geografia é que torna o cinema inovador, as práticas pedagógicas repensadas em virtudes dessas transformações, e as avaliações vistas como processo da aprendizagem, tem desempenhado também um importante papel na educação escolar.

2 A ORIGEM DO CINEMA E SUA INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

São notórias as transformações do cinema desde o seu surgimento até os dias atuais, passando por diversos momentos históricos, e ganhando forma nos diferentes países, essas transformações aconteceram tanto no seu aspecto físico relacionado aos equipamentos tecnológicos, quanto no seu aspecto artístico cultural, e principalmente na sua inserção e intencionalidade na educação, como ferramenta didática.

Nessa trajetória temporal também tivemos alterações no processo de ensino e aprendizagem, particularmente com a Geografia escolar, visando a posição dos sujeitos e a interação com o espaço, e a função que ambos pretendem desempenhar perante a sociedade, porém pensando na construção do conhecimento geográfico, no desenvolvimento crítico e criativo que o ensino pode proporcionar.

2.1 Cinema: uma leitura histórica

Quando alguém fala em cinema, é provável que venha a mente a imagem de uma enorme sala um pouco escura, com uma grande tela de projeção, poltronas confortáveis, um sistema de áudio admirável, para complementar, aqueles baldes de pipocas crocantes, e principalmente a exibição de um filme que já vinha sendo anunciando na mídia. Mas, para algumas pessoas podem surgir alguns questionamentos pertinentes, por exemplo, como aconteceu o processo de evolução do cinema, onde e quando surgiu?

O fato é que é uma história muito longa, e que iremos tentar sintetizar aqui para mais adiante podermos relacioná-lo ao nosso objeto de estudo, De acordo com COSTA (2006, p. 17), quando o cinema apareceu, ele não tinha uma identidade ainda de cinema, estava relacionado a outras manifestações culturais, “[...], como os espetáculos de lanterna mágica (figura 01), o teatro popular, os cartuns, as revistas ilustradas e os cartões-postais.”.

Figura 01 - Lanterna mágica Aulendorf



Fonte: PRAEFCKE, Andreas ¹

Para quem já leu algo sobre a história do cinema com certeza guardou na memória o sobrenome “Lumière”, pois foi a partir deste que o cinema ficou conhecido, os historiadores datam o ano de 1895, para ser mais preciso, de acordo com BERNARDET (2000), a primeira exibição pública de cinema foi em 28 de dezembro de 1895, em Paris, mas antes disso outros nomes já haviam feito pequenas exibições, os irmãos Lumières (Auguste e Louis) foram os que ficaram mais famosos, pois se destacavam em vendas de aparelhos e possuía uma rica propaganda. Deste modo, como quase toda invenção tem discussões por suas patentes, não se torna tão interessante focar em quem inventou o cinema, mas como aconteceu seu processo de evolução.

Conforme COSTA (2006, p. 18) destaca:

Não existiu um único descobridor do cinema, e os aparatos que a invenção envolve não surgiram repentinamente num único lugar. Uma conjunção de circunstâncias técnicas aconteceu quando, no final do século XIX, vários inventores passaram a mostrar os resultados de suas pesquisas na busca da projeção de imagens em movimento: o aperfeiçoamento nas

¹Disponível

em
<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Laterna_magica_Aulendorf.jpg#/media/File:Laterna_magica_Aulendorf.jpg> acesso em Dez. de 2015.

técnicas fotográficas, a invenção do celulóide (o primeiro suporte fotográfico flexível, que permitia a passagem por câmeras e projetores) e a aplicação de técnicas de maior precisão na construção dos aparatos de projeção. (COSTA, 2006, p. 18)

Vale ressaltar que neste momento ainda não estamos nos referindo ao cinema como conhecemos hoje, e sim a alguns aparelhos que foram surgindo ao logo do tempo, como foi o caso do então chamado “Cinematógrafo” que podemos ver na imagem a seguir (figura 02)

Figura 02 - Cinematógrafo



Fonte: FERNANDES, Luciano²
Invenção que filmava e tirava fotos

O cinematógrafo sucedeu de outros equipamentos, como o quinetoscópio e o quinetógrafo, um responsável pela projeção e outro pela filmagem. Bernadet (2000, p. 12) afirma que “[...] para os irmãos Lumières o Cinematógrafo era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas [...]” Mas o que aconteceu foi que este aparelho impulsionou o avanço do cinema no mundo, aparentemente rústico, mas bem avançado para a época, ele era capaz de transmitir uma sensação de realidade para os espectadores.

² Disponível em <<https://blogjatefalei.wordpress.com/2014/08/20/da-primeira-a-setima-arte-a-insercao-do-cinema-e-do-teatro-no-mundo/comment-page-1/#comment-568>> acesso em Dez. de 2015.

O que se sabe é que antes da invenção do cinematógrafo, as imagens eram vistas por uma única pessoa por vez, e essas imagens eram “presas” dentro de uma caixa preta, com o surgimento do cinematógrafo, as imagens poderiam ser vistas fora da tal caixa, e desta forma, mais ampliada, poderia ser assistidas por mais pessoas. Assim,

A maior parte dos filmes produzidos nos primeiros anos da história do cinema, todos de brevíssima duração, era de caráter documental: vistas de cidades e locais interessantes, pessoas famosas, o mar, os trens, dançarinos, ginastas. Inúmeras fitas ingênuas desses primeiros tempos são tidas como antecedentes do cinema educativo [...] (NETTO, 2011, p. 103).

Houve um longo percurso para conhecermos o cinema como ele é hoje, ganhou forma nos países europeus, expandindo-se para a América, através dos Estados Unidos, ainda no final do século XIX, e transformando-se ao passar do tempo.

Como a primeira e grande apresentação do cinema foi em um Café de Paris, acabou sendo esse espaço que mais chamava atenção dos produtores cinematográficos, para os irmãos Lumières esses lugares eram ideais, pois as pessoas iam para divertir-se. Conforme aponta Costa (2006, p. 19-20):

O Grand Café, em Paris, onde o invento dos Lumière foi demonstrado para o público, em 28 de dezembro de 1895, era um tipo de lugar que foi determinante para o desenvolvimento do cinema nos primeiros anos. Nos cafés, as pessoas podiam beber, encontrar os amigos, ler jornais e assistir a apresentações de cantores e artistas. A versão norte-americana dos cafés eram os vaudevilles, uma espécie de teatro de variedades em que se podia beber e conversar, que tinha se originado dos salões de curiosidades.

Para competir com o cinematógrafo dos Lumières, Edison, empresário dono de um laboratório em West Orange, New Jersey, começou a fabricar juntamente com seus técnicos, um aparelho chamado Vistascópio, vale salientar que foi ele e sua equipe que também fabricaram o quinetoscópio e o quinetógrafo (invenções que antecederam o cinematógrafo).

O que podemos observar nos livros é um longo período de competição por mercado, o que reforça ainda mais a ideia do cinema como um produto, como afirma Bernardet (2000) que “o cinema é a arte criada pela burguesia”, uma empresa lançava um modelo, outra empresa lançava outro, vale destacar também a forte competição entre os produtores, principalmente entre os europeus e norte americanos.

Passando esse extenso período, que para muitos historiadores, foi denominado de primeiro cinema, foi surgindo então uma nova ideia de cinema. Em 1950 ele deixa de ter

aquela imagem em preto e branco, e é nesta década que surge também a televisão, e o cinema clássico de Hollywood começa a se estabilizar, de acordo com Costa (2006).

Bernadet (2000) destaca que um fator muito importante para disseminação do cinema pelo mundo, foi por uma questão bem prática, o fato de poder tirar cópias. Nesse sentido:

[...] A película que se bota na máquina e sobre a qual se imprime a imagem é um negativo que, após a filmagem, será revelado e montado para se chegar a uma matriz, da qual se poderá tirar uma quantidade em princípio ilimitada de cópias. Este fenômeno permite que o mesmo produto – o filme – seja apresentado simultaneamente numa quantidade em princípio ilimitada de lugares para um público ilimitado [...] (BERNARDET, 2000, p. 23).

E foi assim, com essa fácil multiplicação que o Brasil conhece o cinema, pouco tempo após as exposições em Paris, os livros datam o ano de 1896, de maneira mais acessível, pois o Brasil não tinha gastos pra produzir, os gastos com produções aconteciam nos seus países de origem. Para Bernardet (2000) até a guerra de 1914-1918 as principais empresas cinematográficas que vinham para o Brasil eram as europeias após isso foram elas sendo substituídas pelo cinema norte-americano.

O que se via por esses vários anos, eram produções de filmes que tinham mais um teor de documentários, não eram longos como se produzem atualmente, e também não tinham som, ainda segundo Bernardet (2000, p. 46) “Quando o som do cinema se industrializou (a partir de 1928, depois do lançamento do filme americano o cantor de Jazz) [...] torna o cinema ainda mais ‘real’ [...]”. Então o que acontece nesse momento na visão dos espectadores é a reprodução do real mais explícito, pois além deles assistirem, poderiam também escutar.

Muita coisa aconteceu de transformação e evolução do cinema, tanto no exterior, como no Brasil, tanto para o mercado, como para a cultura. Transformações que passam pelo primeiro cinema, se estendem pelo cinema novo, este por sua vez datado em 1945, o que nos remete a ideia que as grandes transformações do cinema aconteciam conforme as datas das guerras. Como destaca Bernardet (2000, p. 93):

O início desse movimento de renovação que se dá ao nível da temática, da linguagem, das preocupações sociais e das relações com o público, pode ser datado de 1945, quando começava o Neo-Realismo italiano. [...] estava saindo do fascismo mussoliniano, da monarquia e da guerra, destruída. [...] BERNARDET (2000, p. 93)

O que acontecia na Itália, por conta da sua conjuntura de pós-guerra, eram produção de filmes relatando mais a vida real que a mesma estava passando, com produções baratas, de

acordo com a situação econômica que o país se encontrava. Por esse meio também se encontrava o Brasil, receptivos a estes tipos de filmes, e produzindo também filmes a baixo custo, visando à situação de um país ainda em subdesenvolvimento.

Já passando pela década de 60, “em muitos países surgem os cinemas novos [...]”. Bernardet (2000, p. 96). Após a passagem do cinema novo, o Brasil começa uma nova fase, fase esta denominada de cinema moderno, conforme destaca Carvalho (2006, p. 289):

Foi em clima de otimismo e crença na transformação da sociedade que nasceu o cinema brasileiro moderno, do qual o Cinema Novo foi um exemplo maior. Os cinemanovistas - formados nas sessões dos cineclubes, na crítica cinematográfica produzida nas páginas de cultura dos jornais e, sobretudo, nas longas e constantes discussões em torno do cinema e da realidade do país desejavam, acima de tudo, fazer filmes, ainda que fossem "ruins" ou "mal feitos", embora "estimulantes", conforme opiniões da época. (CARVALHO, 2006, p. 289)

No início dos anos 80, depois da fase do cinema moderno, surge uma nova ideia de cinema, o pós-moderno. Pucci (2006) chama atenção para a polêmica das expressões derivadas do pós-moderno, pois havia conflitos entre os termos de pós-modernidade (refere-se ao período histórico) e pós-modernismo (refere-se ao âmbito cultura), já que ambos aconteceram em período temporal diferente, e que para muitos escritores um é efeito do outro, essa diferença de cinema é o que vai mudar os sujeitos dos filmes, principalmente no que se refere à figura feminina, dando ênfase à questão cultural que havia nos anos de 1960 e 1980.

Muitos autores destacam a interação do cinema com a indústria e o mercado, o que é reconhecível na história do cinema, são as mudanças que ele sofreu devido às próprias mudanças da sociedade, principalmente ligadas ao capitalismo.

O cinema contemporâneo, neste momento, partindo dos anos 1990, é exaltado por diversos países, dentre eles o Brasil, para França (2006, p. 405): “Analisar o cinema brasileiro contemporâneo é deparar com um momento extremamente frutífero, muitas produções, diferentes linguagens, estilos, um público que vem dando legitimidade aos novos filmes.” A conjuntura do cinema contemporâneo no Brasil está intimamente ligada às novas tecnologias, pois com esse avanço tecnológico tanto seria possível produzir com mais facilidade, como também para difundir para a sociedade ficou mais fácil, França (2006) também destaca a transição para o governo de *Lula*³, como sendo um fator positivo pra o cenário artístico visual

3 Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, é um político, ex-sindicalista e ex-metalúrgico brasileiro. Foi o trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011. (fonte: <http://www.institutolula.org/biografia>)

(e os demais ligados à cultura), com as leis de incentivo cultural sendo trabalhadas de maneira mais acessível.

Pode-se perguntar onde o cinema se encontra com o ensino e a aprendizagem, e ao observar sua evolução histórica, percebe-se que desde o seu surgimento o cinema para seus “inventores” já possuía essa característica educativa. Elliot (1948) citado por Netto (2011 p. 103) “diz que o público que pagava para entrar nas salas de exibição de filmes ‘divertia-se e, ao mesmo tempo, era educado’ graças as películas do tipo documental.” Netto (2011) destaca algumas obras fílmicas destinadas ao ensino médico, como também destinadas para físicos, começara a se firmar esta ideia por volta de 1906. Apesar de sabermos como já foi dito aqui, que os irmãos Lumières já enxergavam o cinematógrafo como uma ferramenta científica. Vejamos:

[...] Por volta de 1910, catálogos especializados de filmes educativos eram disponíveis nos EUA, na França e na Inglaterra. Um catálogo de uma firma de Chicago, por exemplo, listava mais de mil títulos, destinados às escolas e ao ensino em geral [...] (ELLIOTT, 1948 citado por NETTO 2011, p. 103).

O que é notável nesse processo de inserção do cinema como um meio artístico e cultural, é que houve além dessas características, também uma contribuição para a educação, diga-se de passagem, muito importante, como destacou Elliott, através de alguns modelos educativos que surgiam nas produções dos filmes, nos quais veremos mais adiante suas contribuições para o ensino da Geografia no âmbito escolar.

Mais precisamente a sua inserção nas escolas do Brasil de fato, é importante destacar que não foi um processo demorado, pouco tempo depois dos documentários voltados a educação médica, e os catálogos educativos, as secretárias de educação do Brasil vendo a potencialidade que o cinema tinha sobre e para o ensino, providenciaram sua inclusão nas escolas, como aponta Reily (2004, p. 41):

[...] As secretarias de educação de algumas capitais brasileiras reconheceram o potencial pedagógico do cinema para a escola e, a partir de 1925, foram propostos projetos de cinema nas escolas públicas. A idéia de colocar um projetor em cada escola começou no Rio de Janeiro, atingindo posteriormente São Paulo, Campinas e outros centros urbano.”

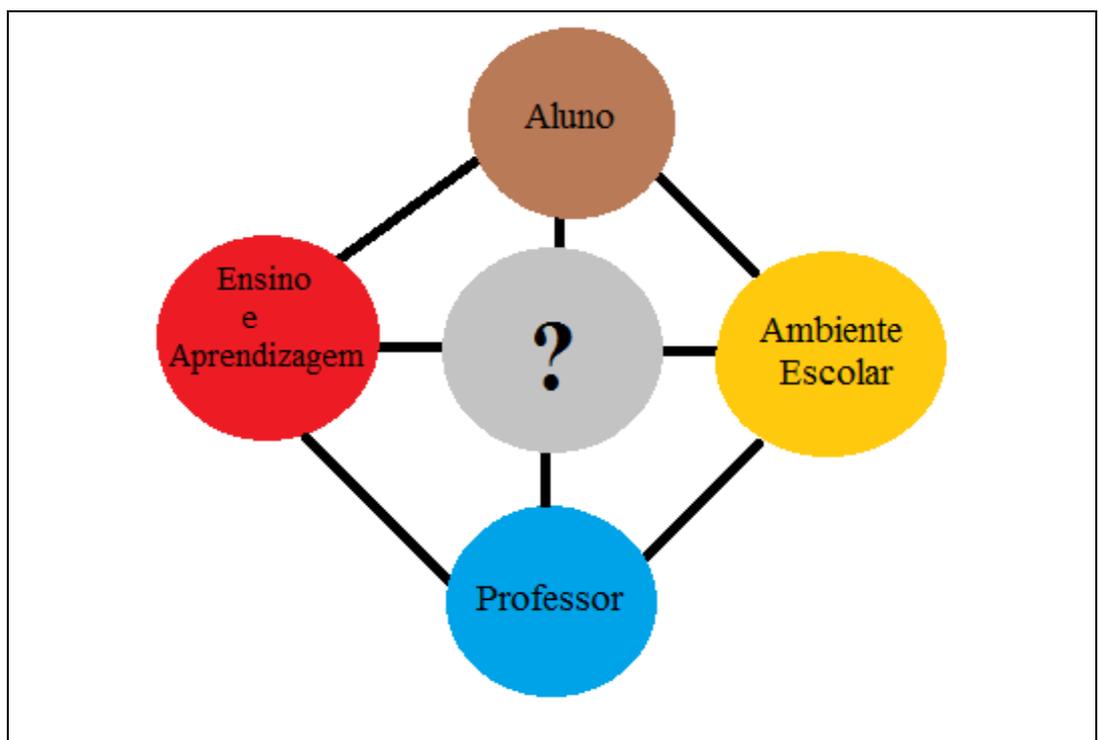
E assim o cinema ia ganhando mais espaço na educação propriamente dita, os indícios da sua funcionalidade educativa que surgiu junto com sua invenção vira uma realidade nas escolas do mundo igualmente no Brasil.

2.2 Ensino e aprendizagem, alguns questionamentos

O termo “ensino” vem sendo interpretado pela sociedade em geral de diversas maneiras, a mais corriqueira é a transmissão de conhecimento, mais precisamente o repasse de saberes do professor para o aluno, é partindo deste ponto então que começamos a nos questionar, será possível o professor conseguir essa façanha de transmitir conteúdos para os alunos, e desta forma alcançarem a aprendizagem?

O processo de ensino e aprendizagem engloba vários sujeitos, contidos no ambiente escolar e fora dele, inclusive a escola é um deles, temos também os que são considerados pela sociedade em geral com papéis mais significativos, como é o caso dos professores e alunos, onde ambos interagem, resultando (ou pretendendo resultar) no ensino e na aprendizagem (figura 03).

Figura 03 – Esquemática dos sujeitos do ensino e aprendizagem



Fonte: Elaborado pela autora.

Freire (1996, p. 47), explica que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção [...]”. É seguindo esta ideia que entendemos o ensinar de um ponto de vista crítico, se o professor não vai transferir/transmitir/repassar o conteúdo para o aluno, e sim ele vai construir, estamos

afirmando então que os conteúdos não estão prontos, é nessa perspectiva que então não podemos analisar o ensino como um produto final, e sim como um processo.

Assim, Freire (1996, p. 50), continua:

Como professor crítico, sou um ‘aventureiro’ responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se. Repito, porém, como inevitável, a franquia de mim mesmo, radical, diante dos outros e do mundo. Minha franquia ante os outros e o mundo mesmo e a maneira radical como me experimento enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabado. (FREIRE, 1996, p. 50)

Apesar de soar poético, Paulo Freire realça a realidade da formação de professores no que diz respeito ao ensino atual. O que se vê nas Universidades/Faculdades/Institutos são graduandos de cursos voltados a licenciatura fazendo a prática da repetição, observando o comportamento, a metodologia dos professores da escola que optam para realizar os estágios, e acabando por copiá-los, estes por sua vez (na maioria das vezes) já estão cansados, e sem motivação na profissão, e muitas vezes não tem mais ânimo para inovar, e muito menos dedicaram-se a continuar se especializando na sua área, e assim com essa prática da repetição, essa situação acaba sendo disseminada entre os demais professores “iniciantes”.

Esquece-se, porém da própria autonomia que o ser, enquanto professor tem dentro de uma sala de aula, que desde que aconteça de forma agradável, e dentro dos parâmetros, o ensino pode acontecer da forma que for melhor para ambos, professores e alunos, e é onde mais adiante iremos abordar as diferentes formas que o professor pode desenvolver as potencialidades no aluno, onde caberá discutir mais a fundo o cinema como um importante recurso de ensino para auxiliar o professor nesse processo de ensino e aprendizagem.

É seguindo essa linha de raciocínio que Carvalho (2004), destaca o papel da escola no ensino, como sendo “divulgadora de produtos finais”, temos como exemplo a ciência geográfica, e podemos questionar o que de fato é abordado nas escolas sobre a Geografia enquanto ciência? E não precisa ser um investigador para saber que o que acontece nas aulas de Geografia são estudos de conceitos prontos, resultados de um esboço da ciência complexa que é a Geografia, que sua finalidade acaba sendo apagada, ou diminuída, pois o que aparenta é a falta de utilidade que a mesma demonstra ter para a vida cotidiana dos alunos.

Segundo Touraine (1994) citado por Carvalho (2004, p. 113) a escola:

[...] deve ser um lugar de ruptura com o meio de origem e de abertura ao progresso, ao mesmo tempo pelo conhecimento e pela participação em uma sociedade fundada sobre princípios racionais. O professor não é um educador que intervém na vida privada das crianças que não devem ser outra coisa a não ser alunos; ele é um mediador entre eles e os valores universais da verdade, do bem e do belo.

O mesmo aplica-se á ciência geográfica, a essência da mesma não necessita ser alterada para atender as necessidades da sociedade moderna capitalista, mas pode ser repensado o ato de ensinar para que os alunos não se alienem no vácuo de um mundo sem conhecimento científico. Vale salientar que quando citamos os termos “ensino e aprendizagem” estamos nos referindo àqueles produzidos na sala de aula. Para fortalecer o que foi dito anteriormente, Vesentini (2005, p. 16) destaca:

[...] O sistema escolar moderno não surgiu por acaso e muito menos foi pensado e iniciado a partir de baixo, dos interesses dos dominados ou dos excluídos. Ele foi construído por cima, pelo Estado instrumentalizado pela burguesia que se tornava a classe hegemônica, seja na forma clássica do empresariado, seja na forma das burocracias de Estados centralizadores. O sistema escolar, portanto, foi e ainda é funcional e até estratégico para a reprodução da sociedade capitalista ou moderna [...]

Vesentini, na sua fala destaca a atuação e/ou do Estado e das classes dominadoras (como a burguesia, por exemplo) para a educação, nem sempre de uma forma positiva. Ele destaca também o papel da escola, que no seu ponto de vista “[...] não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também instrumento de libertação [...]” (VESENTINI, 2005, p 16), no entanto para ela fazer esse papel é necessário que os professores estejam dispostos a não somente atender as necessidades do Estado, mas promover para a sociedade algo frutífero a ela, como por exemplo, o seu desenvolvimento crítico. Fazendo isso com criatividade, o que pode ser possível através do ensino de qualidade.

Com base nisso, podemos nos questionar se a sociedade está pronta, ou permite que aconteçam outras abordagens em sala de aula, que não seja as que estão impostas e em vigor há tanto tempo. Nessa abordagem,

[...] O ensino é funcional para o capitalismo moderno, mas, contraditoriamente, ele também é um agente de mudanças sociais e uma conquista democrática [...] ela foi criada pela reprodução capitalista e é parte inerente da mesma, mas ao mesmo tempo é igualmente uma possibilidade de se alargarem as fronteiras do possível, de se pensar o novo, de subverter a ordem das coisas. (VESENTINI, 2005, p. 17)

O que vai fazer com que a sociedade aceite ou não as mudanças, é a própria prática, nada se pode impor, mas pode-se incluir aos poucos, e mostrando resultados positivos a eles, pois o próprio ensino tem essa ideia no seu objetivo, não se impõe o ensino, ele vai acontecendo, ou pode se impor o ensino, mas a aprendizagem ela vai acontecendo conforme o ensino é trabalhado.

Destacando a geografia escolar, o ensino para esta tem sofrido ao longo do tempo diversas transformações, seja no Brasil, ou fora dele. Na conjuntura atual do presente século, Vesentini (2005, p. 22) destaca que:

[...] Em tese, ela teria que ser revalorizada e renovada, na medida que em que grande parte dos temas fundamentais para a escola e o cidadão do século XXI foram tradicionalmente abordados pela geografia e em muitos casos quase de forma exclusiva: região e regionalismo, espaço nacional e planetário, relações entre sociedade e natureza, transformações no espaço urbano e no rural etc.[...]

Afirmar que o ensino se dará de forma fácil atendendo todos os conteúdos que a disciplina geográfica propõe não é a tarefa principal do professor, mas tornar a aprendizagem mais “desejada” é tarefa dele, e principalmente do professor de Geografia, já que esses campos de conhecimentos que foram citados por Vesentini são pouco benquisto pelos alunos, e para a maioria deles inutilizáveis no seu dia a dia.

Então essas mudanças que foram acontecendo com o ensino da Geografia não foram apenas no que diz respeito aos seus conteúdos, até porque as mudanças nele advieram pra atender algumas necessidades impostas pela sociedade através do Estado, mas também como esses conteúdos são “levados” a sala de aula, e como as possibilidades que as escolas proporcionam podem ajudar ou dificultar nesse processo de renovação e transformação no ensino tanto da Geografia, como para outras disciplinas.

Nessa perspectiva Kimura (2011) fala sobre o ensino bem sucedido através das condições necessárias que a escola oferece, podendo ser condições relacionadas a materiais de apoio permanente, de consumo ou da própria infraestrutura. Tendo em vista que a escola é o espaço onde ocorre a interação entre aluno e professor, e conseqüentemente o ensino e aprendizagem, mantê-las em boas condições, e a mesma oferecer também boas condições para os constituintes dela é de fundamental importância para se alcançar os objetivos destinados ao ensino.

Kimura (2011, p. 70) destaca que:

O ensinar-aprender mostra-se como uma função da escola bastante simples, parecendo óbvia demais. No entanto, ela tem sido exaustivamente discutida por ser, ao contrário dessas aparências, dotada de grande complexidade. Ocorre que, conforme se tem uma determinada compreensão sobre a função da escola, isso mostra o nosso entendimento de educação e de sociedade. [...]

É desta forma então que entendemos uma pequena parte do papel da escola, diante também de uma grande complexidade que gira em torno dela, nos moldes da educação atual será que ela vem atendendo as diversas necessidades que o ensino e a aprendizagem requerem? Podemos afirmar que na maioria das vezes não. A resposta exige um meio termo, pelo o fato de que por mais que o sistema educacional brasileiro se encontre em crise, há alguns estados que possibilitam às escolas recursos, e as verbas na maioria das vezes são aplicadas visando num bom desempenho do ensino⁴.

Observando o lado social e econômico é fácil constatar que o ensino e aprendizagem são vistas de um ângulo mercadológico, ou seja, o aluno é formado para o mercado de trabalho, e isso não é errado de se pensar, o que talvez seja errado é pensar que a escola serve somente para isso, esquecendo-se dos preceitos da ciência para a vida humana. Como destaca Filho, M. (2010, p. 85):

Parece-nos válido contextualizar as exigências, na crise de esperança (utopias) e paradigmáticas que marcam a cultura escolar hoje. As exigências são econômicas e mercadológicas, orientadas pelos novos modelos de produtividade e competitividade, para os quais, afirmam os gestores e mentores do sistema escolar público, os educandos (filhos da classe trabalhadora) precisam estar habilitados e capacitados. A crise pragmática está na crise da racionalidade ocidental moderna e nas suas metanarrativas. [...]

Pensando desta forma, o ensino pode torna-se banal, e a aprendizagem utópica, pois não tem funcionalidade para quem a recebe, a ciência que precede as disciplinas escolares perde-se nos seus objetivos, e a educação fica fadada ao fracasso.

Para haver uma renovação, ou até mesmo uma atualização no ensino, é necessário que haja uma reavaliação dos conceitos abordados igualmente com os objetivos, conteúdos, metodologias, e por fim e mais temida, a avaliação. Tudo isso para um fim pretendido para todos, como podemos compreender a partir desta citação:

O fazer da/na sala de aula de Geografia pressupõe um conjunto de ações e processos de uma tarefa pretenciosa que é tornar as construções espaciais historicamente produzidas inteligíveis para o aluno, revelando as distintas práticas sociais que o constituíram e produziram, a representação dele, a vida

⁴ Para maiores informações consultar por meio eletrônico: <http://portal.mec.gov.br/fundeb>

dos grupos nele habitam, transitam, fazem e refazem a vida caminhar. (FILHO, M., 2010, p. 85)

Quando falamos em ensino, é quase inevitável não citarmos a aprendizagem, uma é produto da outra. Existem muitas formas de ensinar, como também de aprender. É a partir da aprendizagem que o ser humano é capaz de produzir para tornar algo real do seu imaginário, ele primeiro tem que saber como fazê-lo.

Para Selbach (2014, p. 15), “a aprendizagem se produz graças à ação simultânea de uma série de processos químicos e elétricos [...]”, o referido autor apresenta uma sequência de estudos voltados para psicologia para compreender como o cérebro humano funciona no sentido da aprendizagem, para resumir, Selbach (2014, p 16) expõe que “[...] cabe ao professor tornar os conteúdos conceituais com os quais trabalha algo interessante, novo, surpreendente, colorido, grande, criativo, desafiador, etc. [...]”.

A aprendizagem além de se manifestar individual e diferente em cada ser humano, o desejo de aprender certas disciplinas escolares também acabam acontecendo de modo inerente nos alunos, como ocorre com a Geografia.

O saber geográfico está mais ligado ao dia-a-dia do aluno do que ele próprio imagina, relacionar conteúdos e conceitos com situações da vida cotidiana dele ajuda a assimilar o que se deseja construir, ao escolher um filme ou documentário com uma linguagem que esteja no nível da turma também pode ser útil, levando em consideração também a possibilidade do aluno compreender que pode e tem a capacidade de trazer para si linguagens cultas e que vai enriquecer sua essência. Para Gebran (2003, p.86):

Redimensionar o ensino da Geografia com vistas à formação do cidadão exige de docentes e pesquisadores um repensar constante e permanente de suas práticas e de suas concepções. A Geografia, transformada numa disciplina viva, plena de desafios para educadores e educandos, passa a se constituir numa área vital de conhecimento e de formação do cidadão político, objetivo maior da educação escolar. Ela deve propiciar a observação, percepção, análise e compreensão do espaço geográfico enquanto espaço da ação humana em interação com a natureza, portanto, espaço social, histórico, em permanente movimento e transformação, com inúmeras contradições, resultado das múltiplas determinações da ação humana.

É importante que o aluno reconheça antes de tudo a importância do que ele vai “receber”, é preciso que esteja pronto, para que o conhecimento não passe de uma informação passageira, de conceitos que eles precisam memorizar, por exemplo, para responder às questões de uma “prova”.

Selbach (2014, p. 37) notabiliza a importância da aprendizagem geográfica quando diz que “[...] a Geografia é um instrumento formidável para que possamos nos conhecer e nos compreender melhor, perceber toda a dimensão do espaço e do tempo, onde estamos e para onde caminhamos [...]” Estamos inseridos no espaço, que conhecemos como espaço geográfico, no qual não existiria sem nossa inserção, e é o ponto de partida para o estudo da geografia, então aprender sobre ele, conhecer suas formas, seus conteúdos pode ser bem mais interessante do que o aluno está acostumado a lidar.

3 APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA: UMA ANÁLISE DOS SEUS CONCEITOS COM BASE NO CINEMA

Uma significativa aprendizagem geográfica é buscada principalmente a partir de novas linguagens, tentando torná-la prática e eficiente, envolto às outras responsabilidades que permeiam o espaço escolar, que vão muito além do ensino de conteúdos, visando assegurar competências em sua sociedade atualmente globalizada.

Os conceitos geográficos são aplicados na sala de aula, mas são primeiramente sistematizados a partir do conhecimento prévio adquiridos na vida cotidiana dos alunos, procurando contextualizar as categorias geográficas, a partir de recursos didáticos, como é o caso do cinema, com o intuito de proporcionar uma melhor compreensão do espaço geográfico, objeto de estudo da ciência geográfica, que é um dos quesitos propostos pelos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

Para entender como o filme, no contexto cinematográfico pode desenvolver essa funcionalidade, propomos nesse capítulo, uma análise das categorias geográficas: Espaço, Paisagem, Lugar, Território e Região, através da produção cinematográfica de Robert Zemeckis, *De volta para o futuro III*, apresentando possibilidades de discussões, entre cenas e conceitos.

3.1 Cinema e aprendizagem Geográfica

O que se discute na atualidade, referindo-se a educação escolar, é a busca incessante por um, ou vários meios de facilitar o ensino, e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos. E um dos recursos que sempre são buscados está relacionado ao cinema, principalmente em uma sociedade voltada quase que totalmente à tecnologia.

A escola é vista hoje como um espaço de “despejo” de responsabilidades sociais, e atender a toda essa demanda que lhe é imposta é um pouco complexa para quem tem que desenvolver essa função, que na maioria das vezes é dado ao próprio professor, além de atender as exigências relacionadas às disciplinas do currículo escolar, ainda tem que educar socialmente e emocionalmente os alunos, desenvolvendo na maioria das vezes outros papéis além do de professor, passam a “ser” pai, mãe e psicólogo.

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013, p. 167) nos diz que:

É preciso reconhecer que a escola se constitui no principal espaço de acesso ao conhecimento sistematizado, tal como ele foi produzido pela humanidade ao longo dos anos. Assegurar essa possibilidade, garantindo a oferta de educação de qualidade para toda a população, é crucial para que a possibilidade da transformação social seja concretizada. Neste sentido a educação escolar, embora não tenha autonomia para, por si mesma, mudar a sociedade, é importante estratégia de transformação, uma vez que a inclusão na sociedade contemporânea não se dá sem o domínio de determinados conhecimentos que devem ser assegurados a todos.

Carlos (2005, p. 7) levanta um interessante questionamento que encorpa a nossa discussão: “Como entender o chamado ‘mundo globalizado’ em que vivemos? A partir da vida cotidiana, das instâncias do lugar- como dimensão de realização do mundial -, pode se iniciar o aprendizado na sala de aula?”.

Sabendo dos “deveres” da escola, aprofundemos mais um pouco na disciplina escolar Geográfica, que sim, é útil para a vida cotidiana e pode ser apreendida a partir dela, atendendo algumas questões da escola. Kimura (2011) destaca a Geografia conhecida e dividida por muitos como sendo “Geografia tradicional/conservadora e Geografia crítica/renovadora”

Essa divisão que fizeram da geografia está relacionada basicamente na maneira que a mesma é apresentada na sala de aula, claro a partir da exposição dos seus conteúdos, então se fossemos dividir também os professores, seria de acordo com suas metodologias escolhidas.

A própria trajetória da ciência Geográfica implica nessa divisão, diante disto, e se propuséssemos a fazer uma linha do tempo da Geografia, encontraríamos aquela “velha” Geografia, altamente descritiva, onde sua função era descrever lugares e paisagens, e ainda mais se fossemos analisar todo o percurso dela como disciplina escolar, iríamos nos deparar com uma Geografia voltada a atender as necessidades de uma pequena parcela da sociedade, ou porque não dizer do Estado, com suas intenções de patriotismo.

Mas o que de fato tem influenciado a Geografia nesse âmbito escolar, é entender o real sentido da mesma, conhecendo seu objeto de estudo e tentando disseminá-lo perante a sociedade, é o que muitos autores chamam de renovação da Geografia, como por exemplo Milton Santos, um grande geógrafo brasileiro, e importante responsável pela renovação da Geografia no Brasil, ele destaca o espaço como referencial, sobretudo no que se diz respeito a sua ligação á globalização.

Compreender o Espaço Geográfico como ponto de partida para o ensino da Geografia é entender que o processo da própria aprendizagem pode ser autônomo, no que se refere é claro a construção do saber, até mesmo para tratar da interdisciplinaridade que a Geografia tradicional não nos permite, ou dificulta. Tendo em vista essas informações é importante

compreender o processo de ensino e aprendizagem a partir da geografia renovada, como explica Oliva:

[...] Para que a Geografia tenha poder explicativo da realidade social, a partir de seu enfoque, e para que suas elaborações colaborem para o entendimento do todo, ela terá que se munir de sistemas teóricos. Não há explicação consistente sem teoria. O espaço geográfico nessas circunstâncias deverá ser apreendido no interior da complexidade social e ter nova expressão. Portanto a missão é outra, os instrumentos outros, e principalmente, a linguagem é outra. [...] (OLIVA, 2005, p. 34)

Além de contar com a própria renovação da geografia, e suas propostas relacionadas ao seu objeto de estudo, para que se alcance a aprendizagem da mesma, o profissional da educação precisa renovar os seus métodos de ensino, ou melhor, reavaliar como têm sido utilizados os recursos de ensino.

O cinema é uma importante fonte de onde muitos professores dos diferentes níveis buscam nele auxílio para desenvolver suas atividades, vejamos:

A arte da imagem em movimento é uma escola de costumes, um instrumento de educação, uma nova técnica a serviço da informação, da ciência e até mesmo da política. [...] Todos conhecemos a importância dos instrumentos audiovisuais no aprendizado e o cinema utiliza todos eles. Além disso, é uma arte que mobiliza não só a sensibilidade. Seu raio de influência abrange todos os interesses humanos [...] (SÁ, 1967, p. 14)

Se prestarmos atenção e fizermos uma analogia temporal entre esse pensamento de Sá, veremos que o uso do cinema é uma técnica já “velha”, pois o livro foi escrito em 1967, considerando a arte da imagem em movimento uma “nova técnica”, trazendo para os dias atuais, quase 50 anos depois, já não é nova, mas considerada ainda bastante eficaz, lógico que se trabalhado de maneira correta. Também vimos que o cinema quando surgiu tinha além da finalidade de entretenimento, tinha um teor educativo. Como ressalta Netto (2011, p. 9) “[...] Paralelamente as películas de ficção feitas para divertir o público, nasceram os filmes educativos, os documentários, os filmes científicos [...]”.

Fazendo referência ao Ensino Fundamental poderíamos questionar como o cinema ajudaria os professores a atender alguns dos seus objetivos básicos, propostos, por exemplo, pelos PCN’s (Parâmetros Curriculares Nacionais), como:

- Utilizar as diferentes linguagens verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir, expressar e comunicar suas

ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; (BRASIL, 1998, p. 7-8)

E mais precisamente sobre o que o aluno deve aprender sobre a Geografia, ainda de acordo com os PCN's (1988, p. 22), é importante observar as “[...] categorias do marxismo como relações sociais de produção, modos de produção, meios de produção, forças produtivas, formação social, são fundamentais para revelar ao aluno condições concretas do seu cotidiano na sociedade.” Pois esses fatores ainda fazem parte do dia a dia das pessoas.

É importante que o professor saiba trabalhar conteúdos que não fazem parte da realidade do aluno, estabelecendo uma espécie de retrospectiva para que se possa compreender essa trajetória que antecede a sociedade atual juntamente com esses meios de produção, por exemplo. Existe uma série de produções cinematográficas que abordam esses conteúdos.

Nos PCN's também, os professores são orientados a trabalharem além das categorias geográficas (que será abordado mais a frente), assuntos atuais relacionados ao meio ambiente, desde que não se utilize da Geografia tradicional, ou seja, não fazendo apenas observação, ou descrição, mas também enxergando de uma maneira crítica, para que não se transforme em “aprendizagem de slogans”, dessa maneira deixando de lado a aprendizagem voltada apenas para a memorização do que se ver, mas transformando as informações em conhecimento construído.

Ver no cinema uma possibilidade para que se alcance a aprendizagem é, digamos que utópico, mas tratar esse recurso como um meio para se obter bons resultados é válido, pois além de proporcionar informação, na maioria das vezes numa linguagem clara, ajuda para concretização do tão sonhado aprender sem decorar. Como Neves (2010) destaca:

O estudo e a utilização do cinema pela ciência geográfica, além de se estabelecer e ampliar um diálogo entre o discurso científico racionalizado e o artístico, promove também um valorizar mútuo e contínuo de conceitos, dos saberes e disciplinas envolvidas nesse diálogo.

Apesar do cinema não ser a tradução da realidade em si, mas é uma arte que “imita” a vida, é como quando contamos uma história ou lemos um parágrafo de um livro, cada voz que o lê soa diferente, o tom muda, as expressões faciais também, e vários outros aspectos. E deste modo o aluno entende como algo real, ou mais uma história contada em sala de aula. Como aponta Barbosa (2005, p. 111)

Contudo, a ludicidade dos filmes possui uma característica muito própria a imagem está em movimento. Assim, a vida representada na tela (a) parece mais próxima da nossa realidade. O filme nos traz uma forte impressão da realidade. Aliás. Nós estamos predispostos a percebê-las desse modo em função da nossa própria tradição cultural, profundamente dominada pela criação/recriação de imagens visuais [...]

E essa cultura é o que pode dar ao professor o “pontapé” inicial no desejo de motivar e ser motivado ao ensino e aprendizagem, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, a partir do cinema para compreender o espaço geográfico, que é o objeto de estudo da Geografia, e os demais assuntos que o sucede, como enfatiza os PCN’s (1998, p.30):

No Ensino Fundamental, o papel da Geografia é “alfabetizar” o aluno espacialmente em suas diversas escalas e configurações, dando-lhe suficiente capacitação para manipular noções de paisagem, espaço, natureza, Estado e sociedade. No Ensino Médio, o aluno deve construir competências que permitam a análise do real, revelando às causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade.

Talvez pareça controverso entender o real (conteúdos) a partir do fictício (cinema), mas devemos lembrar que não vai ser a obra fílmica que vai fazer com que a aprendizagem flua, ela não pode jamais ocupar o papel do professor, o cinema nasce na educação para auxiliar nas aulas, por isso é tão importante que o professor entenda seu papel ao utilizar certos recursos em sala, para não confundir a mente dos alunos.

3.2 As Categorias geográficas analisadas a partir do filme: De volta para o futuro III

Sabemos que para a ciência desenvolver seu papel ela precisa está direcionada a atender o estudo de seu objeto/objetivo, para a Geografia ela necessita de alguns recursos, que podemos chamar de categorias geográficas, que por sua vez vão objetivar o seu desenvolvimento enquanto ciência.

Das categorias utilizadas pela Geografia, cabe a nós citar aqui as seguintes: Espaço, Paisagem, Lugar, Território e Região. Vale salientar que essas categorias podem ser analisadas a partir de pontos de vistas diferentes, diferindo-se segundo à ciência que o produza, neste caso, para nós, estaremos sempre nos referindo à ciência geográfica, e mais precisamente a sua importância no ensino e aprendizagem na Geografia Escolar, assim:

A leitura de mundo proposta pela Geografia pressupõe compreender as totalidades produzidas no espaço a partir das relações entre sociedade e natureza, das relações entre as sociedades entre si, por meio do trabalho, pois a preocupação é dar sentido aos conceitos geográficos para que seja possível refletir, ampliar e aprofundar a leitura espacial. Os estudos mais recentes sobre o ensino de Geografia têm demonstrado que para compreender o espaço geográfico é necessário que a criança, nos anos iniciais, seja alfabetizada espacialmente. Ou seja, nessa fase é preciso que as noções de espaço, lugar, paisagem e território sejam conhecimentos presentes, alfabetizadores, que façam parte essencial do ensino e aprendizagem nessa etapa escolar. (BRASIL, 2015 p. 9)

As categorias servem como base para a Geografia desenvolver criticamente alguns conceitos que são úteis para o seu ensino enquanto disciplina escolar, orientando o estudo de diferentes fenômenos, sejam naturais, culturais, políticos, sociais, entre outros. Para facilitar o processo de percepção por parte dos alunos, além do prévio conhecimento dos conceitos geográficos, é necessário que haja uma contextualização, e para isso há um grande acervo fílmico que pode auxiliar o professor nesse processo na sala de aula.

Um dos objetivos da Geografia para o ensino fundamental, segundo os Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental, do Estado da Paraíba (2010, p. 176, 177), por exemplo, é orientar o professor a “utilizar as categorias (espaço, lugar, território e região) para compreender a configuração geográfica do seu e de outros lugares” e ainda:

[...] possibilitar a compreensão das representações do espaço expressas em várias linguagens (imagens, filmes, charges, revistas, jornais, quadrinhos etc.) a partir das especificidades da Geografia enquanto campo de conhecimento [...].

Esses objetos fortalecem a nossa ideia do estudo dos conceitos da Geografia, a partir de recursos diversificados, como o cinema, por exemplo, pois todo ser humano carrega consigo algumas memórias sobre as categorias geográficas, são situações do seu cotidiano que muitas vezes não são associadas ao estudo da Geografia, veja, por exemplo, quando o aluno relata que ao viajar, observou muitas imagens bonitas, ou que ao ir à praia viu muito lixo espalhado na areia; também quando assistiu ao jornal e ouviu notícias sobre conflitos entre israelenses e palestinos ... É possível identificar relatos de pessoas que até mesmo não sendo alfabetizadas, detém certo conhecimento de assuntos que fazem parte do dia a dia, e muitas vezes não tem ideia que esse conhecimento parte primeiramente da ciência Geográfica.

Partimos então, ao estudo do conceito-chave da Geografia, que também é reconhecido como seu objeto de estudo, quando relacionado à sociedade: o Espaço, que tem um significado amplo, desta maneira nos referimos a ele como Espaço Geográfico, este por sua

vez desencadeia os demais, que numa definição mais abrangente, é o resultado da relação entre homem e natureza. Para Santos, M. (2004, p. 153), "O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de forma que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente." Para reforçarmos ainda mais essa ideia de espaço geográfico, temos:

Em síntese, o espaço geográfico é o produto, num dado momento, do estado da sociedade, portanto, um produto histórico; é resultado da atividade de uma série de gerações que através de seu trabalho acumulado têm agido sobre ele, modificando-o, transformando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distanciado do meio natural. Suas Relações com a sociedade se apresentam de forma diversa sob diferentes graus de desenvolvimento. (CARLOS, 2013, p. 32)

Apesar de ser um tanto quanto abstrato falar de espaço e tempo, existem alguns filmes no cinema que são capazes de abordar mesmo que a partir do fictício, assuntos relacionados ao espaço geográfico, como é o caso do filme “De volta para o futuro III” (Fig. 04), que foi lançado em 03 de agosto de 1990, produzido nos Estados Unidos, por Robert Zemeckis, e seu gênero é ficção científica, misturado com aventura e comédia, este filme faz parte de uma trilogia, o último deles.

De volta para o futuro III, tem como personagens principais Marty McFly, Dr. Brown, Clara Clayton, e um objeto que é responsável por seus deslocamentos (literalmente), o DeLorean, um carro utilizado na trilogia, para as viagens no tempo. O filme traz também uma espécie de homenagem ao ator e produtor cineasta Clint Eastwood, nome usado por Marty em algumas cenas, satirizando os duelos que aconteciam no velho oeste.

A trama acontece em três momentos distintos: em 1885, 1955 e 1985, e retrata a trajetória desses dois personagens em uma viagem ao tempo para modificar a eventual morte de Dr. Brown. No primeiro momento do filme, eles estão no ano 1955 (onde o segundo filme parou), e são transportados ao segundo momento para 1885, e por último voltam para o seu “tempo normal”, o ano de 1985.

Figura 04 – Filme: De volta para o futuro III



Fonte: AdoroCinema⁵

O filme tem uma duração longa, contando com a abertura e os créditos soma-se um total de 118 minutos, o que leva o professor que vai utilizar este filme, à um bom planejamento em relação ao tempo que dispõe. Geralmente cada aula tem duração média entre 45 á 50 minutos, e entre duas à três aulas por semana, podendo ser em dias alternados ou não⁶. A melhor maneira de trabalhar esse filme seria dividindo-o em partes, no qual o professor selecionaria as que julgassem principais, principalmente onde acontecem os momentos que pretende discutir.

No caso da análise das categorias geográficas a partir desse filme proposto, utilizamos o método da observação, pretendendo encontrar indícios contundentes que não nos deixasse dúvidas de qual assunto estávamos tratando, no caso, de qual categoria nos referíamos, para demonstrarmos selecionamos algumas cenas, e então fizemos algumas considerações.

⁵ Imagem disponível em < <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-29289/>> Acesso em: Jan. de 2016.

⁶ A carga horária da disciplina de Geografia é relativa, podendo mudar de região para região, ou até mesmo de estado para estado já que a LDB no seu Art. 24º deixa claro apenas a carga horária mínima total para todas as disciplinas, que é de 800 horas, ficando assim a divisão para as disciplinas facultativas a secretaria da educação (estadual ou municipal).

Poderíamos usar os demais filmes da trilogia que o antecedem para trabalhar o espaço geográfico (e as demais categorias), mas o recorte temporal deste permite que o professor explore mais nas discussões e em uma possível avaliação.

O espaço pode ser analisado a partir de diferentes aspectos, como aponta Milton Santos:

Objeto da preocupação dos filósofos desde Platão e Aristóteles, a noção de espaço, todavia, cobre uma variedade tão ampla de objetos e significações – os utensílios comuns à vida doméstica, como um cinzeiro, um bule, são espaço; uma estátua ou uma escultura, qualquer que seja sua dimensão, são espaço; uma casa é espaço, como uma cidade também o é. Há o espaço de uma nação – sinônimo de território, de Estado; há o espaço terrestre, da velha definição da geografia, como crosta do nosso planeta; e há, igualmente, o espaço extraterrestre, recentemente conquistado pelo homem, e, até mesmo o espaço sideral, parcialmente um mistério. O espaço que nos interessa é o espaço humano ou espaço social, que contém é contido por todos esses múltiplos espaços. [...] (SANTOS, M., 2004, p. 150, 151)

Podemos então analisar algumas características que estão presente no filme e diferenciam-se entre si, nas mudanças temporais, quando ocorre a viagem no tempo, como exemplos, temos os objetos (não analisados separadamente, mas como produto da interação do homem com o meio): a televisão que está presente nas cenas do filme em 1955, ainda em imagem preto e branco, apesar que a televisão à cores surgiu nos anos 50, mas só foi difundida na sociedade na década de 60, o que é claro não aparece em 1885; os meio de transportes também fazem uma diferenciação no tempo, em 1885, no filme os principais meios de locomoção era feito á tração animal, que eram os cavalos, e as charretes puxadas por cavalos, haviam também as locomotivas (embora que em 1885 foi que surgiu o primeiro automóvel), já em 1955 haviam muitos carros, como consta no filme, carros menores, diferentes dos de 1985, onde aparecem carros mais esportivos e maiores, esses objetos foram se configurando para atender as necessidades do homem, seja para facilitar o seu cotidiano, seja para atender suas necessidades relacionadas a vaidade.

Sobre essa evolução que podemos ver no filme referente aos equipamentos tecnológicos, podemos destacar alguns assuntos relacionados aos próprios avanços tecnológicos, denominados por alguns historiadores como terceira etapa da revolução industrial, que está ligado as inovações dos séculos XX e XXI.

Neste sentido, ainda podemos destacar como aconteceu os sistemas de transportes, relacionado a Geografia da produção, principalmente alguns meios de locomoção que produz uma conectividade entre diferentes pontos do espaço geográfico, no caso do filme, o trem por

exemplo, servia tanto para transportar passageiros de um ponto à outro, quanto para transportar mercadorias, ressaltando porém, a importância de novas técnicas, que interferem na fluidez de grandes centros, que vão além dos trens, um exemplo, são os aviões, que hoje fazem entregas “expressas”.

Em relação às construções civis do espaço exposto no filme, podemos notar uma grande diferenciação nas formas das residências e dos comércios, em 1885 (figura 05), com casas de madeiras e material com teor mais rústico, com comércios simples e sem muitas informações que pudessem defini-lo como espaço urbano, apesar de aparecer como cidade, não se configura com as características dos anos seguintes (1955 e 1985), enquanto que em 1955 as casas já são mais sofisticadas, os comércios mais planejados, com letreiros chamativos, e uma estrutura mais sofisticada (figura 06), evoluindo, mas não modificando tanto em 1985, levando a crer na evolução da engenharia civil para a transformação do espaço.

Figura 05 – Organização da cidade, 1885



Fonte: imagem extraída do filme De volta para o futuro III, pela autora.

Figura 06 – Organização da cidade, 1955



Fonte: imagem extraída do filme De volta para o futuro III, pela autora.

As relações sociais são fatores atuantes nessa viagem ao tempo, em 1885, podemos ver no velho oeste, uma relação de poder explícita, que é caracterizado entre “corajosos” e “covardes”, com situação também de guerras entre os homens brancos e índios, havendo ainda a prática de duelos, e uso de armas livremente. Em 1955 não mostra muito esse aspecto, porque o filme não se estende tanto nesse momento, como também em 1985, apesar de que ainda é possível ver as disputas de poder, entre corridas, conhecidas como “rachas”, que aparece em uma das últimas cenas do filme, caracterizando já nesses momentos outras categorias, que tem como características o poder, nas relações pessoais.

A vantagem de trabalhar com o cinema na sala de aula, é a possibilidade de extrair inúmeras informações que fazem os alunos refletir em diferentes pontos de vistas, o espaço geográfico pode ser analisado em quase todos os momentos que o professor escolher mostrar.

Todas as características que citamos do filme relacionadas ao espaço geográfico, traz uma espécie de evolução, que é resultado do trabalho do homem, como o próprio Milton Santos destaca [...] O espaço geográfico é a natureza modificada pelo homem através do seu trabalho [...] (SANTOS, M., 2004, p. 150), essa natureza é modificada a favor do homem. Talvez uma coisa que não se modificou entre essa viagem no tempo, foi uma obra de Júlio Verne⁷, que em 1885 é citado, Da Terra à Lua que até os dias atuais é conhecido, talvez tenha sido citado para passar uma mensagem que todo o espaço pode ser modificado, mas que o conhecimento e a ciência pode se eternizar.

⁷ Cientista e escritor conhecido mundialmente como criador da ficção científica, no livro da Terra à Lua, descreve uma espécie de foguete que seria arremessado da terra para a lua, e que no filme para Clara no ano de 1885 esse feito seria impossível.

Analisando a categoria paisagem a partir ainda do filme *De volta para o futuro III*, podemos trabalhar muitas características que se configuram como transformação feita pelo homem, como exemplo, a paisagem do lugar em 1885, muito pouco modificada, é totalmente diferente da paisagem que o filme mostra no ano de 1985, cem anos depois. Mas antes, vamos entender como essa categoria se concebe na Geografia. Apesar do seu conceito ter se moldado durante o seu percurso, Corrêa (1998, p. 8) afirma que:

A retomada do conceito de paisagem, que se verificou após 1970, trouxe novas acepções fundadas em outras matrizes epistemológicas. Na realidade, a paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relações entre as suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área da superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias: tem assim uma dimensão simbólica.

Essa fase de “retomada” do conceito de paisagem, se deu principalmente pelo momento de renovação que a Geografia estava passando, deixando o positivismo, suas análises ganham novas concepções, a Geografia nesse momento, intitulada de Geografia Crítica, traz um novo olhar para seus conceitos, incluindo principalmente a paisagem.

Ainda segundo Corrêa (1998, p. 23) a paisagem pode ser definida “[...] como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais [...]”, mas precisamos ainda levar em consideração alguns outros aspectos:

A fisionomia da terra está em perpétua transformação. Toda paisagem que reflete uma porção do espaço ostenta as marcas de um passado mais ou menos remoto, apagado ou modificado de maneira desigual, mas sempre presente. É um palimpsesto onde a análise sucessivas heranças permite que se rastreiem as evoluções. O espaço geográfico se acha impregnado de história [...]. A aparência desse espaço concreto e localizável pode ser descrita: é a paisagem [...]. (DOLLFUS, 1978, p. 11)

Podemos então dizer que o fator tempo, vai influenciar no estudo de determinado espaço que denominamos de paisagem, onde quem o vai estudar, poderá perceber as “evoluções” (dependendo do ponto de vista do observador, poderá ser evoluções ou regressões, se for avaliar aspectos naturais, por exemplo) que ocorreram em determinado espaço.

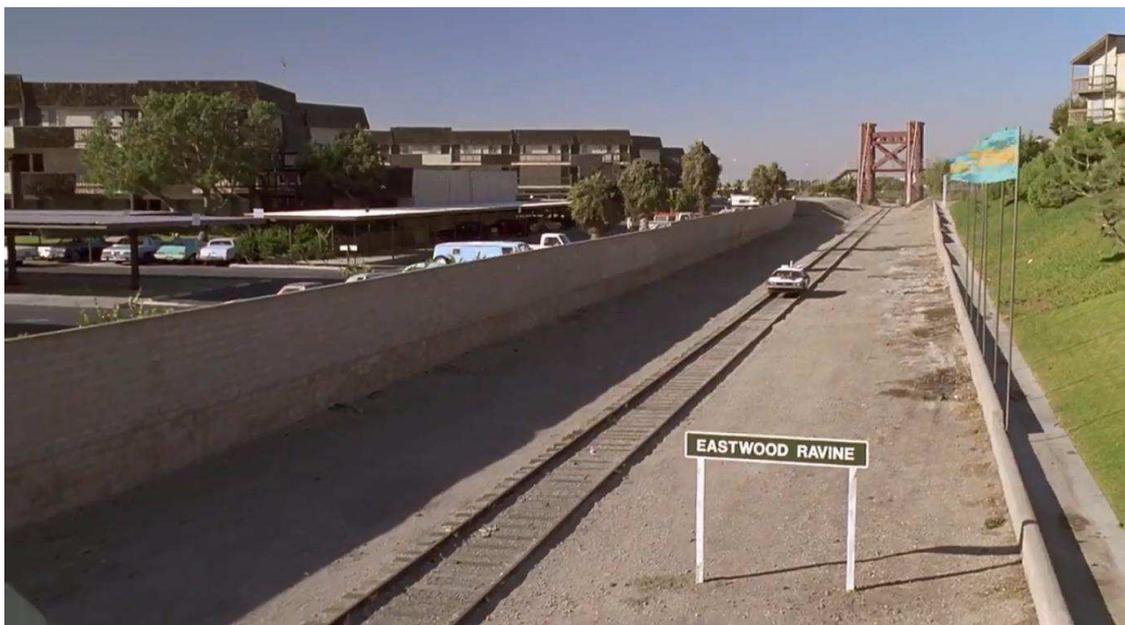
No caso do filme *De volta para o futuro III*, já nos momentos finais, acontece uma situação em que, os dois amigos irão fazer uma viagem no tempo que os levarão de volta para casa (onde acontece o desfecho da trama, e a ênfase para o nome do filme), eles estão no ano 1885, em uma passagem de nível, a linha férrea de Eastwood (fig. 07), e precisam a partir dessa viagem, com a máquina do tempo, aparecer nesse mesmo local, mas no ano de 1985 (fig. 08), e esse espaço então aparece com vários aspectos modificados.

Figura 07: Linha férrea, Eastwood Ravine, 1885.



Fonte: imagem extraída do filme *De volta para o futuro III*, pela autora.

Figura 08: Linha férrea, Eastwood Ravine, 1985.



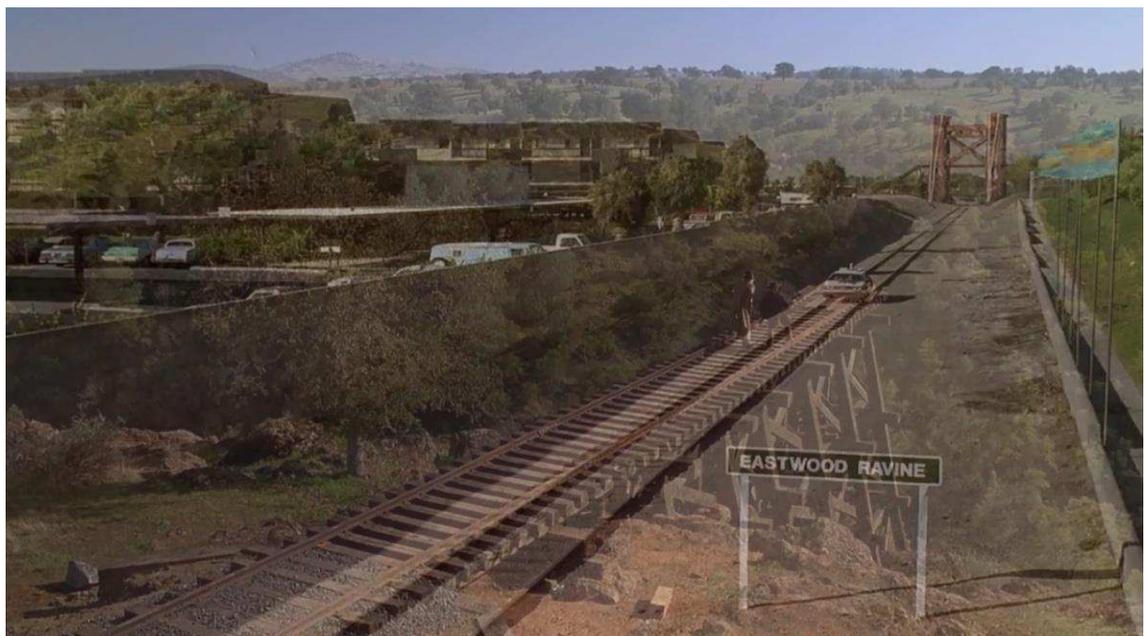
Fonte: imagem extraída do filme *De volta para o futuro III*, pela autora.

Fazendo uma analogia com a figura 07 e a figura 08, podemos constatar que houve uma modificação na paisagem, que podem ser observadas nas formas do relevo, na imagem de 1885, parece ser um local mais montanhoso, enquanto que a imagem de 1985, o solo já está mais plano provavelmente para poder receber as construções das casas, do comércio, ou seja, as novas configurações do espaço.

Outra característica que pode ser vista nas figuras 07 e 08, está relacionada a vegetação, onde se ver uma enorme diferença entre os recortes temporais, a imagem de 1885 quase que totalmente arborizada, quando que na imagem de 1985 há somente algumas árvores, propondo então que ali pode ter havido uma interferência de outras culturas no local, na qual valorizem aspectos físicos do urbano modificando assim a paisagem natural.

Para dar destaque as tais diferenças, fizemos uma sobreposição num editor de imagem (Figura 07) das figuras 5 e 6, realçando assim os elementos transformados.

Figura 09 – Sobreposição das figuras 07 e 08



Fonte: imagens extraídas do filme De volta para o futuro III, pela autora.⁸

Essas são algumas das inúmeras situações que podemos extrair desse filme, podendo ser analisadas durante a exibição, levando em conta o que pretende desenvolver em sala com as investigações das características da paisagem, principalmente por retratar situações em que o tempo foi um fator de transformação do espaço.

⁸ Edição feita no software Photoscape v. 3.7, disponível para download em : <http://www.photoscape.org/>

Os espaços que são retratados no filme são evidentes que foram transformados, não somente naturalmente, mas também para atender as necessidades do homem, principalmente para a construção de moradias, daí podemos analisar também outros aspectos que não são perceptíveis ao sentido da visão, mas que o aluno pode vir a deduzir no contexto geográfico, já que entre as imagens do filme há um intervalo de 100 anos.

As modificações não se deram apenas nas formas do relevo, ou os tipos de vegetação, mas pode ser que tenha ocorrido também uma alteração no clima, as formas de vida, entre outras coisas, podem também desencadear assuntos relacionados ao que os desmatamentos podem causar no planeta, como aquecimento global, essas são algumas discussões que vão além do que podemos observar numa determinada paisagem, e é por isso que não apenas observamos uma paisagem, mas analisamos a fim de obter informações extras a que nossa visão alcança.

Outra categoria geográfica que é bastante utilizada pelos geógrafos, é o lugar, apesar de ser usada também por outras ciências, e interpretada pela maioria das pessoas pelo senso comum, é a partir dela que os alunos adquirem conhecimentos que estão diretamente interligados a ciência geográfica de maneira inconsciente.

Estudando o lugar pela ciência geográfica, ele é entendido como uma porção do espaço que possui características pessoais e individuais do homem, onde se constrói uma identidade cultural peculiar para ele, e conseqüentemente para o seu grupo social, onde desenvolve suas atividades, e cria laços sentimentais. Assim o lugar:

[...] tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto 'especial', que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. O lugar não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, ele é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado. (TUAN, 1979, apud. HOLZER, 1999, p. 70)

Nessa ideia de Tuan, é perceptível a preocupação na diferenciação de lugar para local, por isso que ele enfatiza o lugar com aspectos ligados às emoções, enquanto que o local refere a localização, ou mais precisamente um ponto geográfico onde o homem se fixa ou percorre, um exemplo para essa diferenciação é dizermos que em uma viagem de passeio estivemos em vários lugares, quando na verdade estivemos em vários locais, pois nesses locais apenas estivemos de passagem, enquanto que o sentido de lugar nos remete sentimento, ou é onde nos desenvolvemos na vida cotidiana.

O lugar no filme *De volta para o futuro III* aparece na vida dos personagens quando eles começam uma “luta” para voltarem para seu tempo normal, ou seja, 1985. Marty McFly e Dr. Brown, não enxergam o espaço onde estão como seus lugares, geograficamente eles estão no mesmo local, mas em realidade temporal diferente o que não imprime valor sentimental por aquele lugar.

O lugar de 1885, que para eles tem 100 anos de atraso, remete uma paisagem bem retrógrada comparando com a paisagem do seu lugar em 1985, tanto nos aspectos relacionados aos avanços tecnológicos, como aos relacionados aos bens pessoais, como a família, o trabalho, a vida que eles projetaram em 1985.

Mas, para Dr. Brown, o sentido de “seu lugar” acaba mudando quando ele se apaixona por Clara, no ano de 1885, até então seu lugar não era aquele daquela época, mas quando ele adquire motivos pessoais para estar ali, ele acaba enxergando aquele espaço como lugar ideal para viver, e desenvolver suas atividades enquanto fatores pessoais e profissionais, já que o mesmo era um cientista, tanto é que ele tem a oportunidade de voltar para seu lugar no ano 1985, mas decide por não voltar para morar, e sim para somente visitar seu amigo Marty.

Segundo Santos, M. (2006, p.218):

No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Tanto Marty McFly, quanto Dr. Brown escolhem seus lugares levando em conta fatores individuais, como as paixões por suas namoradas, Dr. Brown pela professora de 1885, e Marty pela jovem que deixou esperando em 1985, outro fator emocional que faz com que Marty volte para o “seu tempo” é a sua família, que para Dr. Brown não tem tanta relevância.

Aos fatores externos aos sentimentos, podem ser observados na análise das paisagens dos lugares do filme, é o mesmo local em épocas diferentes, o que faz com que o lugar perca identidade para ambos, o que reforça a ideia que não são as características físicas de um local que o define como um lugar, mas são características e individualidades que fazem com que o indivíduo permaneça em determinado espaço, há quem preferisse viver no ano 1885, com as características peculiares de uma época pouco desenvolvida, mas que proporciona uma

tranquilidade maior, uma visão natural, uma vida simples, e há quem preferisse viver em uma época mais agitada, como era para Marty em 1985.

Desta forma essa mudança entre os anos e as características do lugar para os personagens dos filmes, pode ser explicada da seguinte maneira:

[...] o passado é um outro país... Digamos que o passado é um outro lugar, ou, ainda melhor, num outro lugar. No lugar novo, o passado não está; é mister encarar o futuro: perplexidade primeiro, mas, em seguida, necessidade de orientação. Para os migrantes, a memória é inútil. Trazem consigo todo um cabedal de lembranças e experiências criado em função de outro meio, e que de pouco lhes serve para a luta cotidiana. Precisam criar uma terceira via de entendimento da cidade. Suas experiências vividas ficaram para trás e nova residência obriga a novas experiências. Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigados a esquecer, seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina. Cabe -lhes o privilégio de não utilizar de maneira pragmática e passiva o prático inerte (vindo de outros lugares) de que são portadores. (LOWENTHAL, 1975 apud SANTOS, M. 2006, p. 223)

Trabalhar o conceito de lugar a partir do filme *De volta para o futuro III*, pode desencadear discussões relacionados a cidade, ao campo, ao êxodo rural, a busca por emprego, as transformações na sociedade e nos usos e costumes, as próprias transformações no espaço que levam a preferências por lugares, entre muitos assuntos que podem surgir a partir de debates durante ou após a exibição do filme.

Sobre o estudo do território a partir do filme, é interessante abordar de uma forma mais lúdica, por ser um assunto que é considerado tão “pesado” de se discutir, aparece no filme *De volta para o futuro III* em uma cena mais nitidamente a partir de um duelo entre o personagem Marty e Biff Tannen. Adiante entenderemos como o território idealiza na Geografia, para fazer referência a esta cena do filme.

Para Souza (2000, p. 78, 81) “O território, objeto desse ensaio, é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder [...]”, Souza também faz menção a como o território é entendido perante a sociedade “[...] A palavra território normalmente evoca o ‘território nacional’ -, em grandes espaços, em sentimentos patrióticos [...] Mas destaca porém que:

[...] o território pode ser entendido à escala nacional, [...], no entanto ele não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com figura ao estado. Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas, da mais acanhada (p. ex., uma rua) à internacional (p. ex., a área formada pelo conjunto dos territórios dos países – membros da

Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN) [...] (SOUZA, 2000, p. 81).

O duelo que aconteceu no filme entre Marty e Tannem, involuntariamente é uma disputa por território, quando Marty viaja no tempo para o velho oeste em 1885, conseqüentemente ele está “invadindo” o território que até então Tannem achava que pertencia a ele, e então decidem travar um duelo para mostrar quem vai ficar com o poder daquele espaço, neste caso eles decidiram usar a violência para resolver essa questão, da qual poderia ter sido resolvida pacificamente, o que também geralmente não acontece na realidade.

O professor na sala de aula ao selecionar as cenas que acontece essa “briga” por território, levantando a ideia de território conforme Souza expôs, tornará mais fácil para o aluno conseguir entender outros assuntos que são abordados no livro didático, e que precisam ser trabalhados, como a formação do território brasileiro, com seus conflitos e lutas, e algumas guerras da atualidade que envolve a disputa por território, ou até mesmo para retratar o cotidiano do aluno, se ele for morador, por exemplo, de comunidades, onde geralmente acontecem brigas entre facções por espaço, que neste contexto pode ser entendido como território.

Esse novo pensar sobre território reflete para o aluno uma aproximação entre definições e a vida real. Santos, M. (2008, p.137), atenta para a utilização do território a partir das transformações sociais que o espaço geográfico vem enfrentando, principalmente para o papel da sociedade no entendimento dessas transformações:

Vivemos com uma noção de território herdada da Modernidade incompleta e de seu legado de conceitos puros, tantas vezes atravessando os séculos praticamente intocados. É o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele o objeto da análise social. Trata-se de uma forma impura, um híbrido, uma noção que, por isso mesmo, carece de constante revisão histórica. O que ele tem de permanente é ser nosso quadro de vida. Seu entendimento é, pois, fundamental para afastar o risco de alienação, o risco da perda do sentido da existência individual e coletiva, o risco de renúncia ao futuro. (SANTOS, M., 2008 p. 137)

Para finalizarmos essa discussão sobre as categorias geográficas, analisamos a região a partir do filme De volta para o futuro III, que na primeira impressão não é possível perceber como ela é abordada na trama. Primeiramente devemos saber que região igualmente aos outros conceitos tem seu significado utilizado por outras ciências, e também utilizado no senso comum, o que pode interferir um pouco no processo de ensino/aprendizagem do aluno, como afirma Corrêa (2011, p. 183):

O termo, contudo, passou a designar uma dada porção da superfície terrestre que, por um critério ou outro, era conhecida como diferente de uma outra porção. O termo região faz parte da linguagem do homem comum. No entanto é um conceito-chave para os geógrafos e tem sido empregado também por todos os cientistas sociais quando incorporam em suas pesquisas a dimensão espacial.

É comum ouvirmos falar sobre regiões do Brasil, e visivelmente entendemos como elas se dividem espacialmente, de acordo com suas características, também apontado por Corrêa (2011, p. 184), que o termo região é “associado genericamente á noção de diferenciação de áreas [...]”.

Corrêa (2011) ainda distingue algumas acepções que a Geografia estabeleceu, principalmente após a institucionalização da geografia como disciplina nas universidades europeias, a primeira acepção está relacionada a natureza, onde uma região pode ser entendida a partir de elementos naturais, como relevo, clima, vegetação, entre outros; a segunda diz respeito a região - paisagem no âmbito tanto natural, quanto cultural, que suas características baseiam-se nos modos de vida de seus habitantes, e a terceira acepção a região se configura de acordo com intencionalidade do pesquisador, onde não se descarta as duas acepções anteriores, elas irão servir de possibilidades, igualmente como os tipos de regiões, climáticas, industriais, entre outras.

Na Geografia escolar geralmente o estudo das regiões são abordadas por temas de características físicas, territorial, natural, cultural, econômicas, entre outros; um exemplo dessa divisão regional estudada nas escolas está em um livro didático do 3º ano⁹ do ensino médio que foi utilizado entre os anos 2012, 2013, 2014, disponibilizado na rede pública de ensino pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) que divide o Brasil em: Região Nordeste, Região Sudeste, Região Norte, Região Sul, e a Região Centro – Oeste. Sobre a Geografia Regional numa escala mundial, estuda-se sobre Índia, China, Rússia, África, Estados Unidos, Europa, e Japão.

O que podemos destacar no filme De volta para o futuro III, em relação ao conceito de Região, é novamente fazer uma analogia a partir da exibição de cenas que destaca porque a região que vimos em 1885 desenvolveu-se tão bem comparando com a mesma região que aparece (já que se passa na mesma cidade) no ano de 1985, um debate sobre quais fatores podem ter influenciado no crescimento populacional, e aparentemente econômico, pode gerar muitas especulações por parte dos alunos, podem atribuir a localidade ter condições

⁹ Conexões – Estudos de Geografia Geral e do Brasil (Volume 3, Espaço econômico e dinâmicas regionais)

favoráveis para desenvolver negócios, o clima contribuir para a permanência dos habitantes, a natureza ser favorável para extrações de bens naturais, e etc.

As categorias geográficas são, sem dúvida, meios importantes de conhecimento, para a efetivação da Geografia enquanto ciência, e teve modificações ao longo da sua trajetória, como também houve com o processo de ensino e aprendizagem da Geografia enquanto disciplina. Devemos a medida que construímos saberes, levarmos em consideração não apenas as definições prontas dos conceitos geográficos mas como aponta Cavalcanti (1998, p. 120) “ A Geografia na escola deve estar, então, voltada para o estudo de conhecimentos cotidianos trazidos pelos alunos e para seu confronto com o saber sistematizado que estrutura o raciocínio geográfico”

O cinema traz para a vida do aluno lembranças do seu próprio cotidiano e leva ele a refletir sobre situações que até então ele não tinha relacionado com conteúdos escolares, como neste caso, alguns conhecimentos geográficos. Um único filme proporciona ao professor explorar diversos temas, e no mesmo momento em que o aluno acha que está se divertindo ele está obtendo informações, que logo mais retornaram na aplicação na prática do seu cotidiano.

O ensino e aprendizagem apresentam-se distintamente para todos os sujeitos como sendo uma relação intrínseca entre professor e aluno, o termo pode até ter essa conotação, mas o processo requer muitos outros elementos, incluindo a realidade social do aluno e do professor.

A partir do momento que damos sentido aos conceitos geográficos, como propõe os PCNs, estamos construindo conhecimento, fator responsável para o sucesso do ensino e aprendizagem escolar, com a finalidade de que o aluno possa compreender o seu espaço, e desenvolver seu papel na sociedade, a partir de uma formação crítica que lhe capacite à participar ativamente nas decisões do seu lugar, da sua região, de seu país, e resolver situações do seu dia adia.

4 METODOLOGIA E AVALIAÇÃO DO ENSINO E APRENDIZAGEM DA GEOGRAFIA ESCOLAR COM BASE NO CINEMA

A metodologia deve ser pensada principalmente a partir de um roteiro de estudo, e acima de tudo para mostrar que tipos de conhecimentos estão construindo com aquele determinado momento, analisando sempre quais especificidades possuem os alunos, para que usemos e apliquemos meios que possam facilitar a nossa interação com a sala de aula, pensando sempre na constante transformação que a sociedade enfrenta, a fim de que não nos apeguemos às práticas tradicionais.

Em relação a avaliação da aprendizagem, podemos pensa-la concomitante com a metodologia, para se ter na aula uma fluidez entre a forma de expor o conteúdo com o processo de avaliação, pensando no seu desenvolvimento contínuo qualitativo, e repensando os métodos de aplicação, onde não supervalorize a escrita, deixando de lado a oralidade.

4.1. Pensando a metodologia de ensino com base nos recursos cinematográficos

É do conhecimento de todos que o ensino vem passando por grandes dificuldades, e conseqüentemente atingindo a própria Geografia, principalmente quando se fala na Geografia escolar, e a própria transformação da sociedade tem exigido da disciplina que se analise, ou repensem outras práticas pedagógicas.

Segundo Oliveira:

O saber que vem sendo ensinado nas escolas, sobretudo de primeiro e segundo grau ainda está muito longe de permitir aos jovens a compreensão do mundo em que vivem e muito menos ainda tem permitido abrir-lhes horizontes para sua transformação. (OLIVEIRA, 1994, p.4)

Talvez pelo fato do próprio mediador de conhecimentos, no caso o professor não ter uma formação adequada para oferecer-lhes tais concepções, ou o uso da sua metodologia de ensino não possibilita ao aluno que ele reflita sobre qual contexto está inserido, para que haja uma possível transformação.

Em relação ao ensino da geografia, o que ainda se ver nas escolas nos dias de hoje é a predominância de uma Geografia Tradicional, altamente positivista, onde prevalece o autoritarismo do professor sobre o aluno, com desejo de assimilação dos conteúdos por meio da decoração de conceitos prontos, ou seja, um repasse de conteúdo do professor para o aluno,

e mesmo com a tentativa de tornar-se a Geografia em Geografia Crítica, não foi o suficiente para que houvesse uma transformação na realidade escolar. E aconteceu que embora tendo um dinamismo no objetivo dos conteúdos da Geografia, ainda sim, eram apresentados para os alunos de forma tradicional, não possibilitando o desenvolvimento crítico deles. Melo (2007, p.98) diz que:

O professor precisa ter a consciência de que verdades não existem enquanto entidades absolutas e perpétuas, pois nada mais são do que concepções sócio-culturais que podem ser refugadas no decorrer da história em função de novas circunstâncias. Não sendo, assim, o conhecimento, algo pronto e estático, as aulas não podem ser ditames de aulas absolutas.

Assim fica nítido que só o uso de conteúdos já prontos nos livros didáticos não possibilita essa relação mutua no aprendizado, faz-se necessário que o professor desperte no aluno primeiramente o desejo de conhecer, o interesse, o que muitas das vezes não é possível porque o aluno já vem com a ideia implantada em si, da Geografia como uma disciplina “chata”, e decorativa.

Nem todos os profissionais da área da educação se atenta para importância da metodologia no ensino, e muitos agem momentaneamente, sem se “programar”, e por isso, na maioria das vezes o resultado é negativo.

Entender a importância da metodologia de ensino e saber que é a partir dela que se vai alcançar resultados (ora bons, ora ruins), é que o professor poderá refletir no seu papel para a vida do aluno, enquanto aluno somente, e o aluno enquanto indivíduo parte integrante da sociedade em geral. Filho, M. (2010, p. 87) faz uma importante observação pertinente ao assunto:

[...] a metodologia como opção de prática, como toda práxis, se coloca a serviço. Com ela podemos contribuir para formar indivíduos submissos, disciplinados para os sistemas sociais instituídos; autoritários, a serviço daqueles que praticam a injustiça e opressão; ou críticos, criadores enunciadores, anunciadores rebelados de uma outra ordem.[...] E também a maneira de conduzir uma formação de homens e mulheres que viabilize, no processo mesmo, exercitar curiosidades, espantar-se com o conhecimento do novo, reinventá-lo, exercer cidadania com autonomia, comungar a vida.

É nesse contexto de conhecer o novo, que o professor pode começar a exercer suas inovadoras metodologias, que pode incluir diversos recursos didáticos, como por exemplo, o cinema, levando em consideração logicamente diversos fatores.

Para se usar o cinema como recurso de ensino é necessário que a escola possua alguns equipamentos que possam ser utilizados, como por exemplo: televisão, aparelho de DVD (Disco Versátil Digital), computador de mesa ou computador portátil, projetor de imagem entre outros. Vale salientar que não necessariamente a escola precisa ter todos esses equipamentos, mas pelo menos algumas alternativas para a reprodução do filme e seus afins, e se por um acaso a escola não possuir uma sala exclusivamente para desenvolver essa prática, mas que detenha de alguns acessórios que possibilitem o deslocamento dos aparelhos entre a escola.

Vejam os a seguir (Quadro 01) em que categoria se encontra esses recursos:

Quadro 01 – Classificação Brasileira dos Recursos Audiovisuais

Recursos Visuais	Recursos Auditivos	Recursos Audiovisuais
- Álbum seriado	- Aparelhos de Som	- Filmes
- Cartazes	- Discos	- Diapositivos e diafilmes com som
- Exposição	- Fitas Cassete	- Cinema sonoro
- Fotografias	- CDs	- Televisão
- Flanelógrafo	- Rádio	- Videocassete
- Gráficos	- CD-ROM	- Programas para computadores com som
- Gravuras		- Aparelho de DVD
- Mapas		- Computador
- Modelos		
- Mural		
- Museu		
- Objetos		
- Quadro de Giz		
- Quadros		
- Transparências		

Fonte: Maria Rosângela Mello – CRTE Telêmaco Borba

Mas além de possuir, é necessário que primordialmente o professor tenha habilidade para desenvolver o trabalho em sala de aula utilizando tais recursos. Usando a sua criatividade, e também é indispensável que ele esteja capacitado para manusear os aparelhos, e essa capacidade pode ser adquirida através de uma capacitação continuada, como cursos de informática, ou cursos auxiliares para tecnologias, entre outros, como tem destaque no PCN+ (2007, p. 102)

A formação técnica permanente, assim como a imersão em práticas culturais diversificadas, é uma necessidade de qualquer categoria profissional e dela não há de se excluir o professor. A escola que provê essa formação, de forma institucional, planejada e clara, está cumprindo parte fundamental de seu projeto pedagógico, ainda que parte dessa formação, especialmente no ensino público, pode ou mesmo deve ser provida pelas redes escolares.

Ainda para que se utilizem esses materiais, dando ênfase ao cinema, Freitas (2009, p. 24) diz que é preciso seguir alguns critérios por parte dos professores, que são eles:

- a) adequação aos objetivos, conteúdo e grau de desenvolvimento, interesse e necessidades dos alunos;
- b) adequação às habilidades que se quer desenvolver (cognitivas afetivas ou psicomotoras);
- c) simplicidade, baixo custo e manipulação acessível; e
- d) qualidade e atração (devem despertar a curiosidade).

Começar a repensar suas práticas, sem o devido olhar crítico sobre os objetivos que se quer alcançar numa aula, é um tanto quanto desgastante, tanto para quem vai ensinar, quanto para quem vai receber. É necessário antes de tudo saber o que se pretende, se é que o aluno compreenda e que consiga ter um olhar crítico sobre o conteúdo proposto, ou se o que se quer é só uma boa nota numa futura avaliação quantitativa.

De acordo com Freire (1996, p. 13), “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”, vendo pelo ponto de vista pedagógico, o professor tem a atribuição de conceder ao aluno, meios de desenvolver sua capacidade crítica, o que podemos ver que é possível por meio de livros didáticos, dependendo é claro de como é associado a outros instrumentos de ensino, como ocorro com o cinema.

Freire destaca ainda que:

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu bairro. Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedicada tempo farto nada devessem ter com a realidade do seu mundo. (FREIRE, 1996, p. 14)

Não se pode, e nem deve defender o uso do cinema nas aulas de Geografia, excluindo o uso do livro didático, como já foi enfatizado aqui, o cinema chega á sala de aula para auxiliar o processo de ensino-aprendizagem, num momento em que sabemos que só os três

elementos: professor, aluno e livro, não estão mais conseguindo alcançar os objetivos propostos na educação, que de fato não é somente transmitir conhecimento, principalmente quando se trabalha a Geografia, que envolve tantos fatos do cotidiano do aluno.

É preciso que compreendamos quão importante é essa ferramenta de trabalho, que além de proporcionar uma facilitação da aprendizagem dos conteúdos da disciplina, pode também abordar outras possibilidades. Como destaca Napolitano (2003, p. 11):

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

E ainda sobre a Ciência Geográfica, sabemos que a mesma é rica em seus temas, o que facilita a abordagem através dos filmes na sala de aula. Principalmente para trabalhar seus conceitos, seja o Espaço Geográfico, Lugar, Paisagem, Território, Região, entre outros, como também destacar nos filmes, aspectos naturais, culturais, sociais, nos diferentes níveis, fundamental I, II, e no ensino médio.

Não somente para assuntos da Geografia, mas também para assuntos transversais, o cinema é propício. Até mesmo nos documentários onde na maioria das vezes é destinado a um único interesse, uma leitura mais crítica pode extrair assuntos para se trabalhar na sala, e obter dos alunos variados pontos de vista, atendendo tanto aos conteúdos da geografia quanto os assuntos transversais propostos pelos PCN's.

Além de todas as outras preocupações que exige na escolha de uma metodologia, é preciso ter cuidado ainda na escolha do filme, e na percepção do impacto que aluno terá assistindo, e se o filme escolhido traz harmonia com o conteúdo que o professor está discutindo. É preciso também que a escola esteja preparada para dar esse suporte tecnológico ao professor, e que as aulas sejam planejadas a partir do tempo disponível da disciplina.

Uma pesquisa criteriosa, ou até mesmo os livros didáticos entregues na escola, pode proporcionar ao professor sugestões de filmes que podem ser utilizados nas aulas. A seguir temos um quadro (quadro 02) com algumas sugestões de filmes, relacionados aos temas abordados em algumas fases escolar do aluno.

Quadro 02 - Sugestões de filmes por assuntos geográficos

Filmes	Assunto trabalhado	Séries mais indicadas
Tempos Modernos	“Fordismo” e capitalismo	Oitavo ano do Ensino Fundamental
O Último Rei da Escócia	Relações geopolíticas na África	Segundo e terceiro ano do Ensino Médio
Senhor das Armas	A manutenção das guerras	Terceiro ano do Ensino Médio
A Era do Gelo	Sucessões climáticas, deriva continental	Sexto ano do Ensino Fundamental
Volcano	Tectônica, vulcões	Oitavo ano do Ensino Fundamental
A Conquista da Honra \ Cartas de Iwo Jima	Diferentes perspectivas quanto à guerra	Terceiro ano do Ensino Médio
Parada 174	Desigualdade social brasileira	Ensino Médio
O Dia Depois de Amanha	Dinâmica climática do planeta	Oitavo e nono ano do Ensino Fundamental
O Último Samurai	Transição do Japão feudal para o Japão capitalista	Primeiro ano do Ensino Fundamental
V de Vingança	Estado, mídia, manipulação da população	Ensino Médio
Central do Brasil	Problemas sócio-espaciais da sociedade brasileira	Nono ano do Ensino Fundamental, Ensino Médio
Deus Abençoe a América	Mundo globalizado, banalização dos valores	Ensino Médio
Nação Fast Food – Uma Rede de Corrupção	Crítica às indústrias alimentícias estadunidenses	Ensino Médio

Fonte: Bruno das Mercês Silva, Renan Willian Pereira, 2012¹⁰

É importante que o professor ao fazer seu plano de aula, se atente para o tempo que dispõe para realizar suas atividades, principalmente a duração do filme que deseja trabalhar, lembrando que não se deve contar apenas quanto tempo o filme demora para acabar, mas também quanto tempo será necessário para serem feitas as observações, as dúvidas que possam surgir ao decorrer da exibição do filme, e a explicação do conteúdo que antecede o filme, dentre outros aspectos.

¹⁰ Disponível em < <https://cageos.wordpress.com/2012/09/05/cinema-e-o-ensino-de-geografia/> Acesso em Jan. de 2016

Ao adotar metodologias de ensino, que proporcionam a participação efetiva do aluno no momento da aula, é preciso atentar-se para algumas precauções, principalmente quando for utilizar o cinema, pois o mesmo possui muitas informações para além do que se está querendo explicar, atraindo a curiosidade, e gerando dúvidas aos alunos, de modo que, se o professor não estiver preparado para lidar com esse momento, o cinema que iria auxiliá-lo na aula, se tornará prejudicial ao bom andamento do processo de ensino e aprendizagem.

4.2 A avaliação da aprendizagem escolar a partir da utilização do cinema como recurso didático

Quando falamos em avaliação da aprendizagem é bem provável que algumas pessoas a associem em uma “prova” escrita com várias questões, que ao final, ao serem corrigidas levará o aluno, como espécie de “passaporte” para um nível à frente, seja um próximo bimestre, um próximo ano letivo, e assim por diante. Rubem Alves retrata sutilmente o pensamento de muitas pessoas em um diálogo na estória que escreveu sobre as fases de uma criança na vida escolar, e como muitos pais interpretam a avaliação da aprendizagem:

- E como é que as escolas transformam crianças em adultos?

O pai explicou:

- É assim: você entra para a escola no primeiro ano, lá vão lhe ensinar muitas coisas. Se você as aprender e tirar boas notas, passará para o segundo ano. No segundo ano, vão lhe ensinar muitas outras coisas. Se você as aprender e tirar boas notas, passará para o terceiro ano. E assim você vai aprendendo coisas, tirando boas notas e passando de ano, até chegar o momento mais importante, o momento em que você deverá escolher o que vai ser quando adulto [...]. (ALVES, 2010, p. 20)

A prática da avaliação vem sendo estudada e repensada ao longo desses muitos anos da pedagogia, a fim de encontrar um meio que facilite a aceitação de uma avaliação, vindo de um pensamento em uma linha construtivista¹¹.

O que ainda ocorre é uma fragmentação nos processos do ensino-aprendizagem, colocando a avaliação no último estágio, e exaltando o professor como centro do processo, involuntariamente (ou não) detentor do conhecimento, por isso com poder para aprovar ou reprovar o aluno, face aos seus resquícios de autoritarismo do ensino tradicional.

¹¹ De acordo Becker (1994, p.89): “Construtivismo, segundo o que pensamos, é esta forma de conceber o conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento e, por consequência, um novo modo de ver o universo, a vida e o mundo das relações sociais”.

É obvio que não somente no âmbito escolar, mas em várias instancias da vida do aluno, irá se deparar com situações que precisará ser avaliado, para fins de aptidão física, mental, profissional, mas em relação à educação é que precisamos estar atentos aqui. Santos, C. (2005, p. 27) aponta a avaliação como sendo “[...] o ato ou efeito de julgar a qualidade, o valor e/ou a eficiência de algum ou de todos os aspectos do processo de ensino-aprendizagem para saber se os objetivos propostos no planejamento estão sendo atingidos eficazmente.” É nessa perspectiva que os sujeitos precisam encontrar seu papel, não que precisem se definir entre melhor ou maior, mas num ato de reflexão, para reconhecer seus próprios objetivos, porque nem sempre uma nota baixa está diretamente relacionada ao professor ou ao aluno.

No ponto de vista da sociedade a avaliação é sempre um “separador de águas”, que separa o bom do ruim, o inteligente do inepto... E para regulamentar esse processo avaliativo, a LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394, no seu Art. 24, inciso V, diz que a comprovação do aproveitamento dos conhecimentos dos alunos, terá que seguir algumas orientações, e as enumeram da seguinte forma:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

Essa é uma base que norteia os professores do ensino básico, e pode levar a diferentes eixos, conforme a interpretação do interessado, podendo assim ser aplicado também de acordo com o seu entendimento, mas sempre com o intuito de que a função da avaliação é de levar o aluno a um próximo passo, que nem sempre é o do conhecimento.

Apesar de não termos citado até agora a importância do cinema para cultura, ele é considerado como a sétima arte (denominação feita pelo teórico e crítico de cinema Ricciotto Canudo), e não somente devemos enxergá-lo como uma ferramenta de análise de conteúdo de obras fílmicas, mas também utilizá-lo como meio de avaliação. Sempre que utilizamos o cinema em sala de aula quase nunca é com finalidade da avaliação propriamente dita, sempre é usado da seguinte forma: um filme é exposto através do vídeo, e a atividade que o professor fará desse momento da aula acontecerá de forma escrita, geralmente uma análise, ou discussões sobre o tema abordado no filme.

A preocupação da avaliação na maioria das vezes é de “medir” o nível de conhecimento dos alunos através da escrita, e mais precisamente do que ele escreve, não importando se decorou ou não, desde que os conceitos que foram expostos estejam replicados, pois é um método de avaliação que “dá” menos trabalho, visto que uma futura correção será mais prática, pois o professor terá seu manual (o livro) com as respostas para serem verificadas em certas ou erradas.

O que ainda ocorre é uma verdadeira desvalorização do uso do cinema para fins avaliativos, como destaca Côttes (2010, p. 64)

[...] o uso didático das tecnologias audiovisuais contemporâneas vem sendo também desconsiderado sob a perspectiva de que tais elementos devam, por conta de integrarem o processo de ensino, integrar igualmente sua proposta de avaliação da aprendizagem. Como se a leitura da imagem não necessitasse ser avaliada, tal como se avalia a leitura da palavra escrita, costumamos avaliar nossos alunos em termos de sua competência de compreensão de um texto, mas negligenciamos a avaliação de sua competência de compreensão de uma pintura, de um programa de TV ou de um filme...

Cortês (2010, p. 76) ainda propõe atividades que de certa forma fazem parte da avaliação contínua, através da exibição de um filme:

Para tanto, um bom roteiro de questionamentos, estruturado de modo a fazer emergir os conceitos envolvidos, pode fazer a diferença, na boa exploração didática de materiais fílmicos. Respondidas, primeiro, pelo professor, várias dessas questões podem integrar um questionário a ser entregue aos alunos, preparando o debate coletivo. [...]

A proposta de uma avaliação pensada com base da utilização do cinema em sala de aula, parte do ideal que os professores de Geografia tem em formar alunos críticos, capazes de entender a dinâmica do seu espaço, a partir primeiro de ser incentivados a responder questionamentos que surgem ao decorrer de um filme, esses questionamentos inicia do professor, mas que instigam outras interrogações que surgem na mente dos alunos.

É então que se inicia também o processo da criatividade, que auxilia no ensino-aprendizagem na sala de aula, segundo Wechsler (1998, p. 64), “Toda pessoa tem capacidade de ser criativa e cada pessoa tem uma maneira diferente de expressar sua criatividade”. Quando o professor cria situações que fazem os alunos refletirem sobre determinados conteúdos expostos em um filme, ele indiretamente está oferecendo meios para o aluno desenvolver sua criatividade.

Mas o que seria essa criatividade nesse contexto? Estudando criatividade em uma perspectiva educacional, é possível encontrar sua definição através de Torrance (1995) citado por Wechsler (1998, p. 40):

Torrance (1995) definiu a criatividade como processo de: tornar-se sensível a falhas, deficiências na informação ou desarmonias; identificar as dificuldades ou elementos faltantes; formular hipóteses a respeito das deficiências encontradas; testar e retestar essas hipóteses e, por último, comunicar os resultados encontrados.

Um questionamento bem formulado contém na sua essência deficiências de informações intencionalmente, com o propósito de que alguém venha a resolver essas tais “deficiências”, e involuntariamente venha a preencher as lacunas do questionamento através de sua criatividade, já que para isso ele irá pensar e repensar sobre sua resposta, antes de expô-la.

Na exibição do filme a todo instante o aluno está buscando um ‘por que’ para a situação, pois o professor trouxe para a sala de aula um filme que possui algum sentido, então constantemente o aluno irá buscar esse sentido, é então que vão surgindo indagações e provavelmente debates, momento exato para uma avaliação oral, onde o aluno inconscientemente está demonstrando seu grau de entendimento, de criatividade e interesse na aula.

Uma avaliação pensada a partir do uso do cinema há algum tempo poderia ser visto com base numa prática tradicional, onde para a sua realização, seria utilizado o método da descrição, temas relacionados à Geografia seriam apenas descritos, mas com a progressão do entendimento e aceitação da Geografia cultural por parte da escola, essa realidade começou a ser transformada.

Como ressalta Gomes (2008) citado por Filho, P. (2009, p. 191):

Hoje, inspirados nessa geografia cultural, é possível discutir com legitimidade e sob um ponto de vista geográfico temas que, no passado recente, eram considerados completamente estranhos a esse domínio disciplinar e por isso tratado como não adequados de aí figurar.

Os assuntos geográficos relacionados à cultura, que é a proposta da Geografia cultural, trazem possibilidades de avaliar também outros conceitos envolvendo o espaço geográfico, considerando que a paisagem humana está integrada com inúmeras informações, e o discurso geográfico em sala pode ir além de aspectos naturais. Assim,

Refletidas e analisadas criticamente, determinadas películas podem ser usadas para indagar de que forma a sociedade representa seu espaço social e qual o poder ilustrativo desse meio leva o espectador a se aproximar de distintas culturas, paisagens e regiões do mundo, levando-o também a refletir sobre sua própria região. (FILHO, P., 2009, p. 193)

O professor ainda deve está preparando para desenvolver com os alunos estratégias para uma melhor interpretação do espaço geográfico demonstrado a partir da representação apresentada no filme.

As estratégias devem ser pensadas antecipadamente pelo professor quando o mesmo estiver analisando o filme (a avaliação começa daí), e destacando no seu plano de aula os objetivos que pretende alcançar, para que através destes consiga realizar uma avaliação, e que esta seja verificada a todo o momento, já que ela é um processo e não um produto final, pois, o que vai ser alcançado por fim não é uma nota, e sim resultados, que podem está ligados tanto ao professor, como ao aluno, de acordo com os objetivos e pontos de vista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do cinema nos mostrou mesmo que não muito evidente sua intencionalidade com a educação escolar, mas que conforme ia se adaptando ao espaço temporal da sociedade mundial, ia também atendendo as necessidades que a escola apresentava. Ele passava de uma função de entretenimento para auxiliador do processo de ensino e aprendizagem, simultaneamente, pois ao mesmo tempo em que divertia, ensinava.

Coube a nós interpretarmos o sentido de ensinar e aprender, visto que ambos acabam sendo distorcido no processo de construção de conhecimentos, principalmente o saber geográfico. Evidenciaram-se algumas características que a Geografia tradicional trouxe para sala de aula, principalmente a de descrição e memorização, fadado a questões do ensino mecanicista, onde o aluno é visto como um depósito de informações sobre os mais diversos conteúdos que serão utilizados possivelmente em avaliações escritas, para atender as demandas impostas pelo espaço escolar (esse por sua vez atende aos interesses do Estado, que atende aos interesses do Capitalismo, e assim por diante, tornando assim um ciclo de responsabilidades).

Quando trouxemos a ideia do cinema para as aulas de Geografia, não quisemos dizer que era uma prática inovadora e atual, ao contrário, colocamos bem posicionada como uma prática bastante utilizada há muito tempo. O que mostramos foram possibilidades dela ser vista como um meio de concretizar o ensino e aprendizagem através de sua utilização com as diferentes linguagens que permeiam nosso espaço atual

Ao analisarmos o filme “De volta para o futuro III”, constatamos a viabilidade de trabalharmos as categorias geográficas a partir do cinema, destacando características representadas cinematograficamente do Espaço, Paisagem, Lugar, Território e Região. Apesar de o filme ter um gênero diferente do que os professores estão acostumados a trabalhar nas aulas de Geografia, essa escolha começa a modificar a ideia de que as investigações dos assuntos geográficos não estejam tão explícitas, mas que ao citarmos ficassem claras as intenções na trama cinematográfica, causando certa curiosidade no espectador.

Trabalhando o Espaço, na perspectiva de Espaço Geográfico, produto das transformações a partir do homem sobre a natureza, pudemos percebê-lo com maior expressividade no filme, principalmente nas mudanças temporais que aconteciam entre os anos: 1885, 1955 e 1985. Foram objetos, meios de transportes, tanto de passageiros como de mercadorias, frutos de avanços industriais e tecnológicos, para suprir as necessidades do homem, observamos também as transformações do espaço modelado a partir principalmente de

construções de casas, comércio, estradas, rodovias, e etc., as distintas relações entre os homens modelavam o espaço, perceptíveis nas cenas de conflitos.

Com a mudança do espaço geográfico, pudemos analisar as transformações da paisagem, tanto morfológicamente, quanto sociocultural, saindo da ideia que as percepções a cerca da paisagem só pode ser possível através do olhar, como iríamos, porém identificar os aspectos históricos analisados a partir dela? De modo que as formas culturais que habitaram aquele local podem ter sido relevantes para as extremas transformações vistas nas imagens do filme, discussões possíveis a partir das imagens, mas não apenas por elas.

A categoria Lugar que observamos no filme, serve principalmente para contextualizarmos com a vida do aluno, visto que dificilmente entraremos em uma sala de aula onde há uma homogeneidade, geralmente as diferenças existente ali, partem primeiro do espaço onde os alunos vivem, espaços esses caracterizados de seus lugares, que por sua vez traz marcas históricas para os alunos, como trouxeram para os personagens do filme, causando questionamentos do tipo, porque continuarem naquele espaço, e quais as transformações que eles enxergam, essa percepção deve partir primeiramente em uma escala local. São inúmeras as possibilidades que encontramos ao trabalhar o lugar no filme, principalmente se pretendemos desenvolver com o aluno questões sociais, e os impactos causados pelos abandonos dos lugares de origem, e as descaracterização da cultura, que levamos, e que outros trazem para o lugar do qual partimos, ou do qual nos destinamos.

O território apesar de ser um assunto mais delicado de tratar, conseguimos destacar no filme através das disputas entre os personagens Tannem e Marty, já que pudemos a partir de nossas pesquisas evidenciarmos que o sentido de território pode ser trabalhado em diversas escalas, em relação ao filme, estavam disputando um pequeno espaço, que no caso era cidade, que na configuração em 1885 pertencia ao Tannem, e Marty ao vir do ano de 1985, querendo mostrar sua coragem, disputaria aquele território com o seu adversário.

Ainda no filme “De volta para o futuro III”, destacamos por último, mas não menos importante, a categoria região, que esteve ligada nessa análise fílmica, principalmente nas características que levaram a região que está localizada a cidade no filme em 1885, á mesma cidade, mas, com uma diferença de 100 anos, quando a vemos em 1985, a partir das imagens que iam se apresentando, e muitas evidencias que se caracterizaram para que pudéssemos entendê-la, e entender seu desenvolvimento.

Com esse estudo além de tudo pudemos perceber as transformações que o ensino e aprendizagem vem passando, principalmente no que diz respeito as aulas de Geografia, visto

isso achamos fundamental rever algumas concepções sobre metodologia e avaliação, finalizando assim nossa pesquisa.

A metodologia utilizada, sobretudo nas aulas de Geografia, ainda traz alguns traços tradicionais, não que o tradicional seja errado, mas frente a realidade do contexto da sociedade atual, acaba não sendo suficiente. É então que sente-se a necessidade de buscar meios que facilitem essa tarefa, que ao ver de muitos professores parece ser árdua, alcançar seus objetivos dos planos de aula. Com o auxílio da escola, oferecendo os recursos necessários, pudemos entender que é possível esse alcance, principalmente utilizando o cinema como uma ferramenta didática, uma vez que muitas escolas oferecem estrutura, mesmo que mínima, para que se possa desenvolver essa atividade didática.

Ao planejar a metodologia envolvendo o cinema, vimos que é preciso também levar em consideração alguns cuidados, principalmente ao relacionar um filme ao conteúdo, hoje temos nos próprios livros didáticos sugestões de filmes que abordam os mais diversificados assuntos, desde obras atuais, quanto obras mais antigas, foi visto também nesta pesquisa algumas colaborações, com sugestões de filmes e conteúdos, a partir de um trabalho feito por alguns autores, atentando também para a organização de horários, de tópicos (roteiros de estudos), entre outras coisas.

Ao utilizar uma metodologia que envolva o cinema e o diálogo, é possível já ter esquematizado uma avaliação, saindo do tradicional, onde essa avaliação não seja apenas para garantir uma nota, mas para assegurar que haja uma construção de conhecimento, utilizando além de palavras escritas, mas também palavras pronunciadas, vimos a real importância de trabalhar a avaliação contínua e participativa.

Pudemos ver as inúmeras possibilidades que o cinema proporciona ao ensino de Geografia, além de aproximar o espaço escolar à aspectos artísticos culturais, além de ser um instrumento facilitador ao ensino aprendizagem, agem no aprimoramento da escolha metodológica, e no processo avaliativo. Não podemos negar porém as dificuldades que surgem ao trabalhar com o cinema, principalmente na resistência ao vê-lo como auxiliador no ensino e aprendizagem e não só como um lazer durante a aula, ou como uma distração.

Com todas as informações pesquisadas ficou nítida a importância do cinema para o ensino e aprendizagem da Geografia escolar, ressaltando alguns pontos negativos, que a nosso ver não superam os positivos, esperamos que este não seja um fim, mas quiçá um começo para futuras pesquisas de aprofundamento e reflexões sobre o tema, visto que é amplo e interessante.

REFERENCIAS

A Presidência da República. Disponível em: <http://www.institutolula.org/biografia#ancora_04> Acesso em Dez. de 2016.

ALVES, Rubens. SOUSA, Mauricio. **Pinóquio às Avessas** – 1 ed. – Campinas – SP: Verus, 2010. Disponível em: <<https://groups.google.com/forum/#!topic/fg-pedag/qOe-Xybgyls>>. Acesso em Fev. de 2016.

BACK to the future part III (traduzido para o português: De volta para o futuro III). Direção: Robert Zemeckis. Produção: Steven Spielberg. Roteiro: Robert Zemeckis e Bob Gale. Distribuidor: Universal Pictures. Intérpretes: Michael J. Fox; Christopher Lloyd; Thomas F. Wilson; Mary Steenburgen; e outros. EUA: Amblin Entertainment, 1990. 01 filme (118 min). Sonoro e colorido. 35 mm. Disponível em: <<http://www.torrentdosfilmes.com/2015/10/de-volta-para-o-futuro-3-1990-torrent-dual-audio-bluray-1080p.html>> Acesso em Jan. de 2016.

BARBOSA, Jorge Luiz. **Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A Geografia na Sala de Aula.** - 7 ed. – São Paulo: Contexto, 2005. ISBN 85-7244-108-5

BECKER, Fernando. O que é construtivismo? **Série Idéias.** São Paulo: FDE, n20, p. 87 -93, 1994. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf> Acesso em Fev. de 2016.

BERNARDET, Jean-Claude. **O Que é Cinema?** 8. ed., – São Paulo: Brasiliense, 2000.

BRASIL. **Guia de Livros Didáticos: PNLD 2016: Geografia:** ensino fundamental anos iniciais. – Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2015. Disponível em: <<http://www.fnede.gov.br/arquivos/category/125-guias?download=9602:pnld-2016-guia-geografia>> Acesso em Fev. de 2016.

_____. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:** nº 9394/96. Brasília: 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em Mar. de 2016

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. PCN+ Ensino Médio. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/par/195->

secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211.
Acesso em Jan de 2016.

CARLOS, A. F. A. **A Cidade**. 9. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013.

_____. Apresentação. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A Geografia na Sala de Aula**. - 7 ed. – São Paulo: Contexto, 2005. ISBN 85-7244-108-5

CARVALHO, Maria do Socorro. Cinema novo brasileiro. In: MARCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. – Campinas, SP: Papirus, 2006. (Coleção Campo imagético). ISBN 85.-308.0818-5. Disponível em: < <http://sesc-se.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>> Acesso em Dez. de 2015.

CARVALHO, Maria Inez. **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas/** Jémison Mattos dos Santos, Marcelo Faria, organizadores.- Salvador, 2004.

CAVALCANTI, Lana de Sousa. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.

1. TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul Borges. **Conexões: estudos de Geografia geral e do Brasil**. – 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajétoias Geográficas/** Roberto Lobato Corrêa; prefácio Milton Santos. – 6ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____; ROSENDAHL, Zeny. (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 124 p. ISBN 85-85881-56-9

CÔRTEZ, Helena Sporleder. **Por que falar ainda em avaliação?** /organizadoras, Marlene Corroero Grillo, Rosana Maria Gessinger; Ana Lúcia Souza de Freitas ... [et al.]. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. ISBN: 978-85-7430- 982-8

COSTA. Flávia Cesarino. Primeiro cinema. In: MARCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. – Campinas, SP: Papirus, 2006. (Coleção Campo imagético). ISBN 85.-308.0818-5. Disponível em: < <http://sesc-se.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>> Acesso em Dez. de 2015.

Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/ Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

DOLLFUS, Olivier. **O Espaço Geográfico** (título do original: L'espace géographique). – 3. ed .- Rio de Janeiro – São Paulo: DIFEL, 1978. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. 121 p.

ELLIOTT, G. M. **Film and education**. Nova York: Philosophical Library, 1948.

FERNANDES, Luciano. **Cinematógrafo**. Disponível em <<https://blogjatefalei.wordpress.com/2014/08/20/da-primeira-a-setima-arte-a-insercao-do-cinema-e-do-teatro-no-mundo/comment-page-1/#comment-568>> acesso em Dez. de 2015.

FILHO, Manoel Martins de Santana. **A Prática de Ensino Real e o Ensino da Prática Ideal/** Carlos Fernando Galvão, José Carlos Milléo, organizadores. – Curitiba: Editora CRV, 2010. ISBN 978-85-8042-017-3

FILHO, Pedro Pinto Maia. **Entre Geografia e Geosofia: abordagens culturais do espaço/** MACIEL, Caio Augusto Maciel (organizador). - Recife: Editora Universitária, 2009.

FRANÇA, Andrea. Cinema de Terras e fronteiras. In: MARCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial**. – Campinas, SP: Papirus, 2006. (Coleção Campo imagético). ISBN 85.-308.0818-5. Disponível em: <<http://sesc-se.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>> Acesso em Dez. de 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. Ed. 37. - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Olga. **Equipamentos e Materiais**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/equip_mat_dit.pdf> Acesso em Mar. De 2016.

GEBRAN, Raimunda Abou. **A Geografia no Ensino Fundamental- Trejetória Histórica e Proposições Pedagógicas**. Colloquium Humanarum. Presidente Prudente. V1 n1, p.81-88, jul/dez., 2003.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cenários para a Geografia: Sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. (orgs). **Espaço e cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

Governo do Estado da Paraíba. Secretaria de Educação e Cultura. Gerência Executiva da Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: Ciências Humanas, Ensino Religioso e Diversidade Sociocultural.** – João Pessoa: SEC/Grafset, 2010.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista.** Revista Território Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78, jul/dez 1999. Disponível em: <www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf> Acesso em Fev. De 2016.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: questões propostas.** – 2 ed., 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2011.

LOWENTHAL, David. **“Past time, presente place: Landscape and Memory”.** The Geographical review 1, vol. Lxv, jan. 1975.

MELLO, Maria Rosângela. Tecnologia educacional. In: FREITAS, Olga. **Equipamentos e materiais didáticos.** – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 132 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/equip_mat_dit.pdf> Acesso em Mar. De 2016.

MELO, Fábio Antônio de. Aulas tediosas, alunos alienados. In: PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T. (Org.) **Práticas de Ensino de Geografia e Estágio Supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

NETTO, Samuel Pfromm. **Telas que Ensinam. Mídia e Aprendizagem: do cinema às tecnologias digitais.** – Campinas, SP: Editora Alínea, 2011. 3ª edição.

NEVES, Alexandre Aldo. **Geografias de Cinema: do espaço geográfico ao espaço fílmico.** Entre-Lugar, Dourados, MS, ano 1, n. 1, p. 133-156 , 1º semestre de 2010. Disponível em <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/entrelugar/article/viewFile/617/412>, acesso em jan. de 2016.

OLIVA, Jaime Tadeu. **Ensino de Geografia: um retrato desnecessário.** In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A Geografia na Sala de Aula.** - 7 ed. – São Paulo: Contexto, 2005. ISBN 85-7244-108-5

OLIVEIRA, A.U de (org). **Ensino de Geografia:** horizontes no final do século. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo: AGB, 1994.

PRAEFCKE, Andreas. **Lanterna Mágica.** 2006. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Laterna_magica_Aulendorf.jpg#/media/File:Laterna_magica_Aulendorf.jpg> acesso em Dez. de 2015.

PUCCI, Renato Luiz Jr. Cinema pós-moderno. In: MARCARELLO, Fernando (org.). **História do Cinema Mundial.** – Campinas, SP: Papirus, 2006. (Coleção Campo imagético). ISBN 85.-308.0818-5. Disponível em: < <http://sesc-se.com.br/cinema/historia+do+cinema+mundial.pdf>> Acesso em Dez. de 2015.

REILY, Lucia. 2004. **Escola inclusiva:** linguagem e mediação. – 2 ed. Campinas, SP: Papirus.(Série educação especial). Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Escola_inclusiva.html?hl=ptBR&id=QNzL4ZaCcS0C.> Acesso em Dez. 2015.

SÁ, Irene Tavares. **Cinema e Educação.** Rio de Janeiro: Ed.Agir, 1967

SANTOS, Clóvis Roberto (org.). FERREIRA, MARIA Cecília Iannuzzi (cord.) . **Avaliação Educacional:** um olhar reflexivo sobre a sua prática. – São Paulo: Editora Avercamp, 2005. ISBN 85-89311-23-6

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço:** Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1). Disponível em <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/1799/A%20natureza%20do%20Espa%C3%83%C2%A7o.pdf?sequence=1>> Acesso em Fev. de 2016.

_____. **Da Totalidade ao Lugar.** – 1 ed., 1. Reimpressão.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Por Uma Geografia Nova:** Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. – 6. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SELBACH, Simone. **Geografia e Didática/** Simone Selbach (supervisão geral). E. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. – (Coleção Como Bem Ensinar/ Coordenação Celso Antunes).

SILVA, Bruno das Mercês; PEREIRA, Renan Willian. **Cinema e o Ensino de Geografia**. Disponível em: <https://cageos.wordpress.com/2012/09/05/cinema-e-o-ensino-de-geografia/>. Acesso em Jan de 2016.

SOUZA, Marcelo José Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. Organizado por Iná Elias de Castro, Paulo Cesar da Costa Gomes, Roberto Lobato Corrêa. – 2ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. 352 p. ISBN 85-286-0545-0

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

TUAN, Yi Fu. Space and place: humanistic perspective. In: GALE, S. OLSSON, G. (orgs.). **Philosophy in Geography**. Dordrecht : Reidel, 1979.

VESENTINI, José William. **A Geografia na Sala de Aula**. Ana Fani A. Carlos (org). 7. Ed. – São Paulo: Contexto, 2005. ISBN 85-7244-108-5

WECHSLER, Solange Múglia. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. – Campinas: Psy, 1998.